

Grandes Acontecimentos das Guerras

O típico “material” de uma guerra desejado pela imprensa são as grandes e dramáticas batalhas (mesmo quando não são grandes ou dramáticas), as grandes lideranças (mesmo quando os “grandes líderes” não são, necessariamente, grandes) e, infelizmente, os grandes massacres (que são, invariavelmente, grandes e sangrentos). As duas guerras forneceram bastante “material” para a imprensa mundial, inclusive para a brasileira.

Iremos destacar, neste capítulo, apenas algumas batalhas, alguns grandes homens e alguns massacres.

Batalha de Inchon

A Organização das Nações Unidas prontificou-se a montar uma força única para combater na Coreia, iniciativa aprovada imediatamente pela *Folha da Manhã*, pois a

*“significação que assim se emprestaria à reação das potências democráticas seria a de uma verdadeira cruzada internacional em defesa de um Estado injustificadamente agredido com objetivos de conquista e expansionismo.”*¹

A rápida resposta do “mundo democrático” contra a expansão comunista também foi ressaltada positivamente pelo jornal:

*“O episódio dramático e sangrento da Coreia, cujo desfecho o mundo todo aguarda com ansiedade, demonstra, entretanto, uma verdade que deverá contribuir pra refrear os ímpetos agressivos e expansionistas de Moscou: a pronta resposta dada a esse atentado à paz mundial por quarenta nações livres, dispostas a cooperar, sob a égide da ONU, para expulsar os norte-coreanos do território invadido.”*²

Enquanto as forças da ONU ainda estavam sendo montadas, algumas forças norte-americanas já estavam em ação na Coreia. No dia 7 de julho, *O Estado de S. Paulo* destacou que foi “Ordenado por Truman o Bloqueio Naval de Toda a Coreia” e, acompanhando a matéria, também foi publicada uma fotografia sobre o porto de Fuson, “o único que resta para o desembarque de

¹ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 06/07/50, p. 4;

² - op. cit.;

tropas e materiais norte-americanos”.³ A existência de apenas um único porto para um eventual desembarque das forças norte-americanas demonstrava o quanto as forças norte-coreanas já tinham, efetivamente, conquistado territorialmente quase toda a Coreia do Sul.

Ainda nesse dia, a ONU criou o comando unificado na Coreia - o Comando da ONU - , e pediu a nomeação de um oficial norte-americano para chefiá-lo. O presidente Harry Truman, então, nomeou o general Douglas MacArthur para ser o comandante-chefe das forças da ONU na Coreia.

Logo, os acontecimentos do *front* ficariam mais dramáticos: no dia 8 de julho, *O Estado de S. Paulo* destacou que “Truman Autoriza a imediata convocação de 600.000 Homens”. Na manchete menor, a “torcida” do jornal exagerou outra vez: “Consolidam-se as Linhas Norte-Americanas”, e, para demonstrar o seu argumento, também foi apresentado um mapa para demonstrar as linhas dominadas pelas forças norte-americanas.⁴ Nada mais ilusório e enganador, pois a iniciativa da guerra ainda estava nas mãos dos norte-coreanos. No dia seguinte, o mesmo jornal voltou a apresentar uma visão exageradamente otimista: “Favoráveis aos Coreanos do Sul as Notícias de Última Hora”.⁵ Não existia nada de favorável aos “Coreanos do Sul” naquele momento, sendo que o jornal desejava que a situação estivesse menos desfavorável aos sul-coreanos.

A imprensa cobriu os muitos fiascos militares norte-americanos desse início de campanha, sem censura, pois ela simplesmente não existia. Havia um código voluntário para o noticiário de guerra visando preservar o sigilo militar. Mesmo assim, neste momento inicial da guerra a cobertura foi livre.⁶ Essa liberdade, entretanto, foi curta. O exército e o quartel-general do general MacArthur acusaram a imprensa e os correspondentes de “traidores” e começaram a impor as primeiras dificuldades para o trabalho da imprensa. Como o desempenho das forças norte-americanas nesse início de guerra não era mais do que medíocre, o alto-comando militar não queria que tal fracasso fosse espalhado mundialmente pela imprensa.⁷ Um código voluntário para a imprensa foi criado e, depois, ampliado pelo exército para proibir quaisquer críticas a decisões tomadas pelos comandantes. Tal situação era delicada para os correspondentes, pois eles dependiam do exército para as comunicações, transportes, alojamentos, coisas muito difíceis de serem conseguidas na Coreia. O material produzido pelos correspondentes começou a ser menos crítico e

³ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 07/07/50, p. 1;

⁴ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 08/07/50, p. 1;

⁵ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 09/07/50, p. 1;

⁶ - Knightley, Phillip. *A Primeira Vítima*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978;

⁷ - dois correspondentes, Tom Lambert (da *Associated Press*) e Peter Kalischer (da *United Press*), tiveram de sair da Coreia e, quando tentaram voltar, foram proibidos de retornar ao país. Depois de inúmeros protestos, os dois foram liberados pelo próprio MacArthur que lembrou aos dois correspondentes (e a todos, de um modo geral) da sua “importante responsabilidade na questão da guerra psicológica”. Knightley, Phillip. op. cit. p. 426;

mais favorável para as forças norte-americanas, pelo menos nas publicações enviadas para os Estados Unidos. A cobertura da guerra realizada pela imprensa da Inglaterra apresentava diferenças brutais em relação à cobertura realizada pela imprensa norte-americana - os ingleses e suas publicações não perdoavam os erros de MacArthur.⁸

A revista *O Cruzeiro*, na página 4 do número 41, publicou um artigo do colunista Rego Costa que expôs o seu anticomunismo ao criticar o embaixador russo nos Estados Unidos, Andrei Gromyko:

“O comunismo - é notório - é um germe que brota com viço excelente dentro do lado da ignorância. A ignorância é a sequeira (sic) branca dos povos, a cegueira de quem não pode ver além dos próprios limites, de quem não sabe distinguir por si o erro da razão, a justiça da maldade, a verdade da mentira.

Há um provérbio que mistura às mil maravilhas todos esses ingredientes: ‘Ai de quem ensina o caminho errado ao cego!’

Esse provérbio - é russo. Gromyko precisa meditar nêle.”⁹

Mas o grande destaque desse número não foi para a cobertura da guerra, mas sim para a derrota da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo, realizada no Brasil em 1950.¹⁰ Devemos salientar que a Copa do Mundo havia monopolizado grande parte da produção da imprensa brasileira e do interesse do público de um modo geral, apesar da guerra.

Nesse mesmo número, a coluna de Drew Pearson, “Carrossel do Mundo”, uma das mais significativas seções da revista *O Cruzeiro*, realizou uma análise sobre o expansionismo comunista na Coréia, no Irã e em Formosa, argumentando que, caso o “golpe” da União Soviética fracassasse na Coréia, a “compensação” poderia ser um Irã comunista e na consolidação do comunismo chinês em Formosa, sendo que tais situações seriam inaceitáveis para os Estados Unidos e para o mundo ocidental.¹¹ Pearson reafirmou que o momento era tenso ao destacar as palavras do secretário de Estado dos Estados Unidos, Acheson:

“A nossa situação é semelhante à de dois garotos que estão discutindo. Um deles, depois de muito atormentado pelo outro, diz de repente, traçando com o pé um risco no chão: ‘Passe este risco e veja o que lhe acontecerá!’ Já é tempo de fazermos isso com a Rússia!”¹²

⁸ - Stone, I. F. *The Hidden History of the Korean War*. Nova Iorque, Monthly Review Press, 1952;

⁹ - *O Cruzeiro*. Nº 41, Rio de Janeiro, 29/07/50, p. 4;

¹⁰ - op. cit.;

¹¹ - Idem, p. 70;

¹² - Idem, *ibidem*;

Inchon foi a “ultrapassagem do risco” dos Estados Unidos na Coreia. Com uma manobra militar ousada, a guerra mudara de fase, com as forças do comando da ONU tomando a iniciativa estratégica e colocando as forças norte-coreanas na defensiva. O desembarque de Inchon ou a “vitória impossível”, como esta operação militar se tornou conhecida, foi um grande sucesso para MacArthur.¹³

Em compensação, a cobertura dos correspondentes de guerra da “vitória impossível” foi um desastre. Com exceção de quatro chefes de agências internacionais (convidados pessoais de MacArthur a bordo do seu navio de comando, McKinley), que receberam tratamento especial, os outros correspondentes tiveram todo o tipo de inconvenientes.¹⁴ Embora o segredo fosse fundamental para a operação, todos nas bases de comando sabiam o que iria acontecer - a operação era conhecida pelos correspondentes em Tóquio, zombateiramente, como “Operação do Conhecimento Geral” - , e, quando ela começou realmente, foi feita sem consultar as necessidades dos correspondentes.¹⁵

As dificuldades impostas por MacArthur para os correspondentes de guerra foi analisada na coluna de Drew Pearson para *O Cruzeiro*. No seu artigo “MacArthur e os Correspondentes de Guerra”, o autor justificou as razões dessa censura, relacionando-as aos problemas no desenvolvimento da guerra e da necessidade de sigilo para certas operações.¹⁶ O general MacArthur, apesar de todas as imposições e barreiras implantadas pelo próprio, ainda tinha um grande apoio da imprensa norte-americana.

Apesar das todas as dificuldades encontradas pelos correspondentes, a batalha de Inchon recebeu intensa cobertura da imprensa. *O Estado de S. Paulo*, que sempre havia defendido um contragolpe das forças da ONU conseguiu, no mesmo dia dos desembarques em Inchon, publicar o que tanto defendera: “Preparação da Contra-Ofensiva”. Numa manchete menor foi destacado a real importância da escalada de guerra das forças da ONU: “Tremendo Bombardeio sobre o Maior Porto da Coreia - Vasos de Guerra e Aviões da ONU Desferem Arrasador Ataque Contra o Porto de Inchon”. A notícia era muito importante e, para explicar melhor o desenvolvimento da ofensiva, foi publicado, junto a ela, um pequeno mapa da Coreia - fotos sobre o desembarque de Inchon ainda demorariam para chegar.¹⁷

¹³ - s/A. “Vitória Impossível – MacArthur Desembarca em Inchon.” In Coleção “Guerra na Paz” V. 3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;

¹⁴ - Knightley, Phillip. op. cit.;

¹⁵ - o resultado da desorganização foi que a primeira leva de correspondentes que acompanharam as tropas de desembarque trabalhavam para revistas (com prazos de entrega de material mais extensos), enquanto que os correspondentes de jornais diários (de prazo imediato) chegaram três dias depois às praias. Knightley, Phillip. Idem;

¹⁶ - *O Cruzeiro*. Nº 46, Rio de Janeiro, 02/09/50, p. 72;

¹⁷ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 15/09/50, p. 1;

O *Correio da Manhã* também destacou a batalha de Inchon. No dia 15 de setembro foi publicado a matéria “Tremendo Bombardeio Aero-Naval de Inchon”, cujo subtítulo era também bastante expressivo: “Os vermelhos temem agora uma velha tática de MacArthur: desembarques à retaguarda.” O uso do termo “vermelhos”, denotando um sentido pejorativo aos comunistas, não era, de forma alguma, neutro – e o *Correio da Manhã* jamais escondeu seu anticomunismo.

Ainda no *Correio da Manhã*, o editorial do dia 16 de setembro, denominado “Cartada”, destacou a ousadia do desembarque de Inchon e que a guerra deveria ser estendida ao Norte:

*“Mac Arthur é tão norte-americano como os fabricantes de automóveis: gosta de desembarques em série... Se o primeiro dá resultado, o segundo não tarda. E o segundo, pelo jeito que o primeiro levou, poderia bem efetivar-se acima do paralelo 38. Aquilo a que a Rússia chama ‘o seu prestígio’, aquilo com que ela e seus seguidores chamam ‘o seu moral’, tudo isso sofrerá um choque irreparável no dia em que a liberdade reinar na Coreia. É pois certo que desesperadamente procurará Moscou remediar ou camuflar esses males. Como? Aonde? A cartada de Mac-Arthur força, a curto prazo, uma resposta a essas perguntas. E as respostas não podem ser muitas, mas podem, algumas, ser muito graves.”*¹⁸

O curioso da cobertura do *Correio da Manhã* foi que, ao contrário dos outros jornais, que destacaram Inchon totalmente, este preferiu mostrar a campanha do candidato Brigadeiro Eduardo Gomes contra Getúlio Vargas. O destaque de capa do dia 17 de setembro foi uma matéria sobre os “44 Mil Quilômetros” percorridos pelo candidato, incluindo um mapa do Brasil apresentando o percurso.¹⁹ Além do anticomunismo, o jornal militava assiduamente também o “antivarguismo”.

Mas os outros meios privilegiaram Inchon. A abertura de uma frente pelas forças da ONU também contou com apoio da *Folha da Manhã*, como podemos perceber pelo editorial “A Segunda Frente Coreana”, publicado no dia 16 de dezembro. O editorial elogiou a iniciativa das forças anticomunistas na Coreia e, logicamente, não deixou de criticar os soviéticos (e, como foi comum de acontecer nesta cobertura de guerra, o jornal não se referiu aos norte-coreanos):

“De qualquer maneira, tudo indica que começou realmente a guerra na Coreia, do ponto de vista das nações democráticas. Passados os instantes iniciais de surpresa, a segunda frente foi aberta. Como

¹⁸ - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 15/09/50, p. 8;

¹⁹ - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 17/09/50, p. 1;

*aconteceu na Europa, queremos crer que seja o começo do fim, para as forças totalitárias que o Kremlin instigou a uma aventura insensata.*²⁰

As comparações entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra da Coréia ainda eram mencionadas:

*“Não foi sem motivos, pois, que o desembarque de Inchon causou verdadeiro pânico entre os extremistas. A “nova Dunquerque”, que se teria talvez positivado se os comunistas conseguissem manter a sua ofensiva, parece ter-se transformado assim, para eles, em uma espécie de armadilha, em que se vêem agora ameaçados de extermínio.”*²¹

Ainda no dia 16 de setembro *O Estado de S. Paulo* publicou uma matéria, cuja manchete era “Quarenta Mil Soldados da ONU Desembarcam em Inchon Protegidos pelo Fogo de 261 Vasos de Guerra”, junto com uma fotografia (de arquivo) do porta-aviões “Missouri”.²² MacArthur era visto como um grande e incontestável herói do mundo democrático. Rego da Costa, na sua coluna no *O Cruzeiro*, “MacArthur, o Senhor do Pacífico”, teceu vários elogios ao general:

*“Atualmente, o mundo sabe que o veterano General está nas linhas de frente da Coréia. Até o presente momento, a bandeira americana ainda não se corou de grandes vitórias; (...). Todavia, o largo crédito de que dispõe o estrategista renomado de Bataan, o portador da Legião de Honra da França, recebida das mãos do próprio Maginot - servem-lhe de abono par a esperança lisonjeira de um jeito de armas digno de figurar ao lado das grandes manobras da História.”*²³

A propaganda de MacArthur estava funcionando plenamente e, com a vitória em Inchon, sua popularidade aumentou ainda mais.

No dia seguinte, *O Estado de S. Paulo* confirmou o sucesso da ofensiva de Inchon: “Enquanto as Forças da ONU Entram na Capital da Coréia Desencadeia-se a Ofensiva Geral no Sul da Península”, com fotografia (de arquivo) do responsável pelos ataques, o general Walton Walker.²⁴ O editorial dessa mesma edição, “Em Marcha as Forças da ONU”, elogiou a ação militar das forças da ONU:

²⁰ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 16/09/50, p. 4;

²¹ - *op. cit.*;

²² - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 16/09/50, p. 1;

²³ - *O Cruzeiro*. Nº 48, Rio de Janeiro, 16/09/50, p. 4;

²⁴ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 17/09/50, p. 3;

“... veremos que os fuzileiros navais que assaltaram as praias de Inchon não só vieram por termo à agressão comunista norte-coreana e libertar a península em guerra, mas também feriram, em sua verdadeira fonte, a inspiração do espírito agressivo e libertaram a humanidade do sentimento de angústia que, por força, haveria de dominá-la enquanto não visse retrocederem os inimigos ostensivos e ocultos das Nações Unidas. Numa palavra, Mao Tse e, sobretudo, Stálin terão encontrado, nas últimas 24 horas, farta matéria para meditações.”²⁵

O avanço das forças da ONU fez com que as notícias e editoriais do *O Estado de S. Paulo* ficassem ainda mais otimistas em relação à ação das forças da ONU. No dia primeiro de outubro, o destaque do jornal foi para a manchete “Capitulação Imediata da Coréia do Norte, exige MacArthur”, e, em manchete menor, relatou que “A Artilharia da ONU Dispara contra o Território Norte-Coreano”.²⁶ A guerra, para o jornal, estava praticamente decidida.

O *Medo da Terceira Guerra Mundial* também estava presente na imprensa, apesar da “euforia anticomunista” verificada depois da vitória das forças da ONU em Inchon. O perigo de uma guerra nuclear ainda era sentido - e tal presença ganharia uma crônica de Raquel de Queiroz em *O Cruzeiro*, denominada “A Atomica”.

O medo da própria palavra “atômica” perturbava a cronista:

“É assim que a chamam na Itália, numa só palavra concisa e impressiona: L’Atomica”. Tem personalidade como coisa viva - talvez como um espírito mau. Até seu nome faz medo - e a gente evita dizê-la. Do mesmo jeito que não se diz o nome do príncipe das trevas e se fala a respeito dele por circunlóquios - com medo d que o maldito, se ouvindo chamado, acorra.

E como faz medo, Senhor, como faz medo!”²⁷

As fortes imagens da bomba atômica em ação foram utilizadas pela cronista para realçar o clima de medo e de terror que esta mesma bomba estava produzindo no momento:

“(...) L’Atomica - hoje é o símbolo universal da guerra. Tudo - canhões e bazookas, e generais e submarinos - tudo é simbolizado pela palavra terrível e menos ainda do que pela palavra, pelo desenho do cogumelo de fogo, sobrevoando uma cidade ou um exército.”²⁸

²⁵ - op. cit.;

²⁶ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 01/10/50, p. 1;

²⁷ - *O Cruzeiro*. Nº 51, Rio de Janeiro, 07/10/50, p. 130;

²⁸ - op. cit.;

A euforia do avanço das forças da ONU sobrepujava qualquer risco de uma guerra atômica. No dia 22 de outubro, *O Estado de S. Paulo* publicou a matéria “Sob o Cerco Aliados Grande Parte das Forças Norte-Coreanas” e em manchete menor: “Proxima-se (sic) o Fim da Guerra”, afirma MacArthur”.²⁹ Logo, o cerco é fechado: no dia 24, o mesmo jornal publica matéria com o título: “Os Norte-Coreanos Estabelecem sua Última Linha de Defesa”.³⁰ As forças da ONU já estavam no território da Coreia do Norte.

Mas o avanço das forças da ONU acabou sendo interrompido. O mesmo *O Estado de S. Paulo* publicou, no dia 25 de outubro, uma alteração no tom otimista das manchetes: “Aviões da ONU Atacados pela Artilharia Chinesa”.³¹ E a guerra mudava de foco.

A Entrada da China na Guerra da Coreia

O objetivo básico das forças da ONU, quando da sua criação, era o de repelir a invasão sofrida pela Coreia do Sul e obrigar as forças invasoras da Coreia do Norte a recuarem até o paralelo 38. Tal objetivo estava sendo realizado com sucesso, pois o avanço das forças da ONU era incontestável: o exército norte-coreano, aparentemente, estava em frangalhos e não oferecia maiores resistências.

Uma curiosa reunião entre Truman e MacArthur ocorreu na ilha de Wake. Os dois homens nunca tinham se encontrado até então e, pelo ponto de vista de Truman, seria uma forma de “dominar” MacArthur. Mas os resultados dessa reunião não foram os esperados por Truman (que viajou 12 mil milhas para ter apenas uma hora de entrevista): MacArthur convenceu o presidente de que os chineses não entrariam em combate contra as forças da ONU, mesmo numa invasão destas na Coreia do Norte. Implicitamente, MacArthur entendeu que Truman o estaria “liberando” para atacar a Coreia do Norte.³²

Mas a derrocada das forças comunistas era apenas aparência. O rápido avanço das forças da ONU deveu-se, primordialmente, por não encontrar resistência: as forças norte-coreanas recuavam rapidamente, evitando grandes contatos com o inimigo, reagrupando-se na retaguarda e

²⁹ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 22/10/50, p. 1;

³⁰ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 24/10/50, p. 1;

³¹ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 25/10/50, p. 1;

³² - de acordo com E. N. Dzelepy: “As informações procedentes de várias fontes norte-americanas afirmavam que em Wake se adotara uma decisão acerca da distância a que se manteriam das fronteiras manchu e russa as forças das Nações Unidas. Essas informações eram interessantes, sobretudo, porque indicavam que a questão da Manchúria fora examinada na entrevista de Wake. Mas o verdadeiro resultado desse exame viu-se alguns dias mais tarde, depois do regresso de Mac Arthur a Tóquio: a 21 de outubro impartia ordem às suas tropas de alcançar, o mais rápido possível, a fronteira de Manchúria.” Dzelepy, E. N. “*Porque se Luta em Coreia - Mac*

preparando-se para futuras ofensivas. Logo, as forças norte-coreanas se deslocariam para dentro do território chinês.³³ O apoio chinês aos norte-coreanos tornaria-se mais evidente a partir deste momento da guerra.

O governo de Pequim assistia o avanço das forças da ONU dentro do território da Coreia do Norte com preocupação. Dentro da lógica da Guerra Fria, os chineses estavam encarando o outro lado (no caso, os Estados Unidos e seus aliados) como um inimigo ardiloso, perigoso e sempre desejando a sua destruição.³⁴ Nesse sentido, Stalin nem precisava criar um clima de “atrito” entre os Estados Unidos e a China, pois os governantes chineses acreditavam que seu país estava sendo ameaçado pelos Estados Unidos.³⁵

Alguns dias depois da invasão das forças sul-coreanas no território da Coreia do Norte, a Assembléia Geral da ONU votou a favor da restauração da paz e da segurança em toda a Coreia - dando aprovação tácita à entrada das forças da ONU na Coreia do Norte. E, oficialmente, em 9 de outubro, as tropas norte-americanas cruzavam o paralelo. Entretanto, antes mesmo desta resolução, MacArthur já havia mandado as forças da ONU invadirem a Coreia do Norte - mais uma vez o general tinha tomado a dianteira e tomado uma decisão importante sem consultar o presidente Truman ou a ONU. Restou para estes dois últimos apenas confirmarem um fato já consumado.³⁶ A

Arthur e a Questão da Coreia/O 'Pearl Harbour de Mac Arthur.' In Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. A Verdade Sobre a Guerra da Coreia. Rio de Janeiro, Editorial Andes, s/D, p. 86;

³³ - Dzelepy, E. N. op. cit.;

³⁴ - de acordo com Henry Kissinger: “A Mao Tse-tung, recém saído do seu triunfo na guerra civil chinesa, as declarações de Truman estavam fadadas a parecer como a imagem espelhada da apreensão da América de uma conspiração comunista: ele interpretou-as como o passo inicial de uma tentativa americana de reverter a vitória comunista na guerra civil chinesa. Ao proteger Taiwan, Truman apoiava aquilo que a América reconhecia como o governo legítimo chinês. O programa aumentado de ajuda no Vietnã pareceu a Pequim como um cerco capitalista. Tudo contribuiu para fornecer a Pequim o estímulo de fazer o oposto daquilo que a América consideraria desejável: Mao tinha razões para concluir que, se ele não parasse a América na Coreia, talvez tivesse que lutar contra a América em território chinês; na melhor das hipóteses, ele não teve nenhum outro motivo para pensar de outra maneira.” Kissinger, Henry. Diplomacia. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, pp. 567-568; os chineses sempre desconfiaram dos norte-americanos. As grandes guerras enfrentadas pelos chineses contra o imperialismo inglês quase sempre foram mediadas pelos Estados Unidos que sempre tiravam grandes vantagens para os ingleses e para si, estimulando o ódio dos chineses em relação aos Estados Unidos. Kennan, George. American Diplomacy. Nova Iorque, Mentor Book, 1951;

³⁵ - até que ponto essa visão dos comunistas em relação aos Estados Unidos estava correta? Era uma lógica mais do que pertinente, pois a “perda da China” era um tema que ainda provocava discussões acaloradas em muitos grupos políticos dentro dos Estados Unidos, em particular em vários setores da direita, temerosa de uma eventual expansão soviética na Ásia. Dentro deste temor em relação à China, os norte-americanos procuravam marginalizar o país da comunidade internacional (tendo conseguido, inclusive, impedir a entrada do país na ONU), além de estarem protegendo Taiwan (ou seja, a ilha de Formosa, para onde foram os dirigentes nacionalistas derrotados pelos comunistas na revolução). Os chineses, dentro desse quadro, procuravam meios de defesa, principalmente nas suas fronteiras. Uma dessas regiões fronteiriças era justamente a Coreia, cujo flanco da Manchúria tinha cerca de 800 quilômetros de extensão. Quando tropas da ONU invadiram a Coreia do Norte e chegavam perto das suas fronteiras, os chineses reafirmaram o seu apoio aos norte-coreanos, até então limitado ao fornecimento de armas e provisões. Logo, a intervenção direta chinesa na guerra tornou-se inevitável. Kissinger, Henry. op. cit.;

³⁶ - Dzelepy, E. N. op. cit.;

resposta chinesa viria por volta do dia 25 de outubro. Deste momento em diante, as forças da ONU começariam a ser rechaçadas por tropas chinesas.

A ofensiva chinesa na Coreia pegou de surpresa a imprensa brasileira. A manchete principal da *Folha da Manhã* do dia 28 de outubro demonstrou a tensão do momento:

*“Anunciada a Penetração de Poderosos Contingentes Comunistas Chineses no Território Norte-Coreano - Quarenta mil soldados procurariam impedir a ocupação das usinas hidroelétricas do rio Yalu pelos aliados.”*³⁷

Havia muitas dúvidas sobre o caráter e a extensão da intervenção chinesa, pois, ainda na capa dessa edição, um outro subtítulo alertava: “Conselheiros Militares Soviéticos Acompanhariam os Invasores”, referindo-se a oficiais soviéticos que estariam comandando tropas chinesas.³⁸ Os tais de “conselheiros soviéticos” jamais existiram (pelo menos não da maneira como o jornal se referiu, como veremos mais adiante), mas tal detalhe pouco importava para o jornal, que defendia, de maneira intransigente, a idéia de uma liderança ditatorial soviética nos países comunistas, inclusive (e principalmente) na China.³⁹

A dinâmica da guerra estava alterada. O “otimismo” anterior foi substituído pelo horror. Um editorial publicado pela *Folha da Manhã*, nesse mesmo dia, procurou demonstrar que a tensão internacional estava ganhando proporções perigosas:

*“A situação internacional parece ter chegado ao seu ponto de resolução: a paz ou a guerra. Segundo os últimos telegramas, os comunistas chineses, insuflados pela União Soviética, pretendem levar avante o seu ato de agressão. É evidente que as Nações Unidas não poderão recuar diante dessa nova ameaça.”*⁴⁰

O Medo da Terceira Guerra Mundial estava em evidência:

*“À hora em que estão sendo lidas estas linhas, o presidente Truman já deverá ter encarecido a necessidade de se declarar o estado de emergência nos Estados Unidos. Assim, a não ser que surjam outros fatores imprevisíveis, pode-se afirmar que o mundo se acha às vésperas de uma terceira guerra geral.”*⁴¹

³⁷ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 28/10/50, p. 1;

³⁸ - op. cit. p. 4;

³⁹ - boatos que geram esse tipo notícia são conhecidos, no jargão jornalístico, como “barriga”. Bahia, Juarez. *Jornal, História e Técnica - História da Imprensa Brasileira*. 4. ed., São Paulo, Ática, 1990;

⁴⁰ - *Folha da Manhã*. op. cit., p. 4;

As referências quanto à Segunda Guerra Mundial ainda eram freqüentes, assim como “culpar” a União Soviética dos problemas mundiais:

“Verificada essa hipótese, a União Soviética e seus satélites terão de enfrentar a ação militar conjugada de todo o mundo democrático. Essa é, ao que tudo indica, a única linguagem que os homens do Kremlin se mostram capazes de entender. A experiência de Hitler e Mussolini não lhes serviu de lição.”⁴²

Até 3 de novembro, os ataques chineses foram intensos. No dia 6, os chineses romperam contato, quase que desaparecendo. A proximidade das forças da ONU na Manchúria, região onde concentrava-se o seu maior parque industrial, além dos riscos de MacArthur comandar uma invasão no seu território, fez com que a China enviasse tropas para alertar as forças da ONU de que não aceitaria passivamente sua presença próximo das suas fronteiras. Depois deste “aviso”, as forças chinesas voltaram para o seu território e ficaram esperando a reação das forças da ONU. MacArthur resolveu manter a ofensiva. No dia 28 de setembro, quase todas as forças da ONU estavam cercadas. As “hordas chinesas”, maneira como MacArthur se referia ao gigantesco número das forças chinesas, entraram na guerra - definitivamente.⁴³

O avanço das forças chinesas foi surpreendente – e mais surpreendente ainda foi a retirada das forças da ONU. As “fugas” do Décimo Corpo e do Oitavo Exército foram desesperadas, mas as forças comunistas chegaram nas suas posições apenas alguns dias depois destas evacuações terem sido efetivadas. Tal “desespero” por causa das “hordas chinesas” chamou a atenção de muitos analistas militares e dos jornalistas que cobriam a guerra. I. F. Stone argumentou que essa rápida e desesperada fuga foi exagerada pois, além do número de chineses nos combates ter sido propositalmente aumentados pelos serviços de inteligência das forças da ONU, os ataques não foram tão intensos assim e não justificavam uma fuga daquele porte. Para E. N. Dzelepy (e também para I. F. Stone), essa fuga foi mais uma das artimanhas do general MacArthur: impressionando a opinião pública mundial (e a norte-americana, em particular), poderia conseguir

⁴¹ - Idem;

⁴² - Idem, *ibidem*;

⁴³ - nunca se soube o número exato das “hordas chinesas”. MacArthur chegou a dizer que se constituíam em 600 mil homens, entre outros números ditos sem maiores estudos. Talvez a tese de E. N. Dzelepy e de I. F. Stone de que tropas chinesas atuaram apenas na “resposta” de outubro e que as batalhas posteriores foram conduzidas por uma maioria de norte-coreanos, reagrupados e rearmados pelos chineses, seja muito exagerada, pois tropas chinesas participaram efetivamente das ações desta fase em diante da guerra, e com um número considerável de combatentes. Mas, mesmo assim, as “hordas” foram muito menores do que os analistas militares tinham avaliado na época. Michael Davidson, correspondente do *Observer*, fez uma pergunta irônica numa das suas reportagens: “Quer fazer o favor de nos informar quantos batalhões chineses integravam uma horda, ou vice-versa?” Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. op. cit.; e Knightley, Phillip. op. cit., p. 433;

autorização de Truman e da ONU para revidar os ataques chineses com bombas nucleares, inclusive no próprio território chinês.⁴⁴ Era o “Pearl Harbour” de MacArthur, criado pelo general para justificar uma Terceira Guerra Mundial.⁴⁵ A imprensa brasileira desconsiderou esse enfoque.

A guerra alterara-se e seus dramas começaram a ganhar maiores dimensões na imprensa brasileira, como num telegrama enviado pelo fotógrafo da revista norte-americana *Life*, David Douglas Duncan, publicado na seção “Um Fato em Foco”, do *O Cruzeiro*:

“Acabo de encontrar dois médicos enviando ataduras na cabeça de uma mulher coreana que, ignorando as precauções tomadas pelo exército mandando evacuar as populações civis das zonas de batalha, permaneceu em sua casa. Ela estava com fragmentos de bombas comunistas encavados na cabeça. Enquanto os médicos trabalhavam, seu “baby” mamava tranqüilamente. Na mesma ocasião, um vizinho aproximou-se do local e pronunciou palavras em coreano. A mulher sacudiu lentamente a cabeça e em seus olhos avolumou-se a angústia - outro filho seu morrerá em consequência da explosão da mesma bomba.”⁴⁶

E, para realçar o drama descrito no telegrama, foi publicado junto a ele uma foto de página inteira com a mulher de cabeça enfaixada, sendo atendida enquanto amamentava o filho que sobreviveu. Denúncias de “atrocidades comunistas” como a que foram apresentadas acima eram comuns. Mas as atrocidades não eram um monopólio do lado comunista: foram feitos massacres pelos dois lados da guerra, como nos afiança Bruce Cumings.⁴⁷

O Estado de S. Paulo também retratou o clima de derrota das forças da ONU com a entrada das forças chinesas, mas utilizou-se de notícias vindas dos Estados Unidos. Na edição do dia primeiro de dezembro, apesar do destaque principal ter sido a notícia com a manchete “Cumpriremos até o Fim Nossos Compromissos na Coréia, diz Truman”, esta acabou perdendo a importância para uma outra notícia menor em termos espaciais, porém mais representativa sobre a dramaticidade do momento: “Ameaça Direta ao Comunismo Agressor - O Presidente dos Estados Unidos Declara que a Bomba Atômica Será Empregada se Necessário”:

⁴⁴ - Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. Idem;

⁴⁵ - Dzelepy defendeu que “Para o general Mac Arthur sua ofensiva devia conduzir, de todas as maneiras, à guerra com a China. Se os chineses faziam bluff, seria a prova de que os Estados Unidos nada tinham a temer desse lado e que se podiam permitir tudo contra a China comunista, e empregar a fundo e até suas últimas consequências sua política “de força”. Se, pelo contrário, os chineses não se escondiam e aceitavam o desafio de Mac Arthur, então o comandante em chefe das Nações Unidas podia mostrar “premeditação” chinesa e facilitar-lhe de ter obrigado Pequim a mostrar o seu jogo.” Dzelepy, E. N. Idem, ibidem, p. 113;

⁴⁶ - *O Cruzeiro*. Nº 4, Rio de Janeiro, 11/11/50, pp. 78 e 79;

“O presidente Truman fez pesar sobre os comunistas na Coréia a ameaça do emprego da bomba atômica contra os exércitos vermelhos, depois de ter lido para os jornalistas a declaração escrita sobre a crise mundial. Foi esta a primeira vez, desde o bombardeio de Hiroshima, a 6 de agosto de 1945, que o presidente dos Estados Unidos falou publicamente na eventualidade de novo emprego da bomba atômica.”⁴⁸

Foi o momento mais grave da guerra, pois as ameaças do uso de armas atômicas, o que provocaria uma Terceira Guerra Mundial, deixaram de ser apenas especulação: tais ameaças poderiam ser concretizadas a qualquer momento. Bruce Cumings afirma que o perigo foi bastante real, tanto que uma série de reuniões da cúpula política e militar foram realizadas e o assunto foi seriamente considerado.⁴⁹ MacArthur talvez desejasse abrir caminhos para a Terceira Guerra Mundial e exterminar o comunismo na face da terra, mas não era uma posição majoritária. O governo norte-americano sabia que, nos primeiros ataques chineses às tropas da ONU, cerca de 150 aviões da força aérea chinesa eram, na verdade, da União Soviética, sendo, inclusive, pilotados por pilotos soviéticos, que vestiram uniformes chineses.⁵⁰ Tal informação foi guardada em segredo pois ela poderia efetivamente provocar uma Terceira Guerra Mundial.⁵¹ Truman recusou-se a usar o artefato atômico e começou a impor a sua hierarquia sobre o general.

No dia 7 de dezembro outro editorial do *O Estado de S. Paulo*, “Os Dois Mundos”, deixava a *Divisão Bipolar do Mundo* mais evidente na ótica do jornal:

“O ideal de um mundo só, que reacendeu ao fim da segunda grande guerra, distancio-se de novo, não sabemos para que recuados tempos, depois que o Ocidente e o Oriente se definiram em campos opostos, com muitos matizes, mas fixado em dois mundos em choque, com um polo em Washington, outro em Moscou. Nesse quadro universal, a Coréia é um pequeno pormenor, importante e agudo quanto quiserem, mas não passando de um nó da rede de pontos de atrito que se estende por sobre toda a terra.”⁵²

⁴⁷ - Cumings, Bruce. *Korea's Place in the Sun – a Modern History*. Nova Iorque, Londres, W.W. Norton & Company, 1997;

⁴⁸ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 01/12/50, p. 1;

⁴⁹ - Cumings, Bruce. op. cit.;

⁵⁰ - Hobsbawn, Eric J. *A Era dos Extremos - o Breve Século XX, 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995;

⁵¹ - o apoio soviético era total, mesmo que discreto. Patrick Lescot, contando a história de quatro militantes comunistas, é bastante enfático quanto a este ponto: “Falava-se em centenas de milhares de mortos nas fileiras dos ‘voluntários’ chineses. Stálin equipava dos pés à cabeça os homens de Kim Il-sung e os de Mao, mas evitava o confronto direto com os americanos.” Lescot, Patrick. *O Império Vermelho - a História de Quatro Militantes Comunistas Unidos pela Paixão e pelo Terror (1919-1989)*. São Paulo, Objetiva, 2000, p. 428;

⁵² - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 07/12/50, p. 3;

Para encerrar, o editorial complementou que o Brasil precisava ser bem administrado para resolver seus sérios problemas internos, até mesmo para se evitar a idéia de que um regime comunista poderia fazê-lo - e o país não poderia dar-se ao luxo de esperar auxílio internacional contra a “infecção soviética”, mesmo sendo útil caso esse auxílio viesse eventualmente. Para tal, era necessário utilizar nossos recursos com inteligência e esforço.⁵³ Mais uma vez a Guerra da Coréia foi utilizada para críticas a uma eventual expansão do comunismo no Brasil.

Em dezembro, no *O Cruzeiro*, o artigo “Paz”, de Maria Cecília, pede que as pessoas pensem nesse Natal menos na guerra e mais no “espírito cristão”. Mesmo este “espírito cristão” não poderia deixar de atacar o comunismo. Comentando a crise pelos quais passavam Inglaterra e França, a autora ressaltou:

*“Mas as fontes vitais estão cansadas e há, além disso, a ameaça permanente do comunismo que se espalha, como um polvo, prendendo com seus tentáculos, um a um, os povos enfraquecidos.”*⁵⁴

Não poderia haver tréguas contra o comunismo em momento algum.

O início de 1951 parecia desesperador para as forças da ONU e a imprensa brasileira retratou esse desespero. No dia 3 de janeiro, a manchete principal da *Folha da Manhã* foi bastante reveladora: “Em pleno desenvolvimento a ofensiva de inverno das forças sino-coreanas”.⁵⁵ O desespero aumentou no dia seguinte: “Abandonam Seul as Tropas Aliadas”, sendo que esta manchete foi complementada por uma outra, “Em Chamadas a Antiga Capital Sul-Coreana - Intensifica-se a Ofensiva Comunista”.⁵⁶

O correspondente Alex Valentine, da “Reuter’s”, declarou que Seul encontrava-se num inferno. David Duncan, fotógrafo da revista *Life*, talvez tenha captado melhor o espírito das forças da ONU com a entrada dos chineses na guerra: fotografou um exausto fuzileiro norte-americano arrancando seu desjejum de uma lata de feijões gelada. O fotógrafo perguntou-lhe o que queria para o Natal e o fuzileiro respondeu: “Me dê amanhã”.⁵⁷

Drew Pearson, agora bem menos otimista em relação ao desenvolvimento da guerra favorável às forças da ONU, transcreveu, no artigo “O que os Chineses Pensam dos Americanos”, um boletim chinês que falava sobre os norte-americanos:

⁵³ - op. cit.;

⁵⁴ - *O Cruzeiro*. Nº 7, Rio de Janeiro, 09/12/50, p. 3;

⁵⁵ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 03/01/51, p. 1;

⁵⁶ - *Folha da Manhã*. São Paulo, 04/01/51, p. 1;

⁵⁷ - Knightley, Phillip. op. cit., p. 433;

“Os soldados norte-americanos perdem com facilidade a sua vontade de lutar quando se vêem cercados e rendem-se rapidamente ou livram-se do seu equipamento na esperança de poder fugir. Quando avançam, só o fazem com rapidez enquanto podem seguir as estradas nos seus veículos. Quando saltam destes e abandonam o caminho, o sibilar das balas os faz bater em retirada. Quando estão na defensiva é fácil fazê-los bater em retirada, atacando-lhes os flancos com um contingente reduzido. Desorganizam-se então e só pensam em salvar a pele. As tropas dos Estados Unidos não são agressivas. Quando ficaram cercados em Unsán durante quatro dias, nada fizeram. Acovardaram-se ao ouvir os tiros.”⁵⁸

A “covardia” norte-americana não iria durar muito tempo e as forças da ONU iriam tomar a iniciativa, levando as batalhas até a altura do paralelo 38. Logo, para surpresa mundial, o general Douglas MacArthur seria destituído do seu posto pelo presidente Truman.

A Queda do General MacArthur

Nessa altura da guerra, as possibilidades de negociações de paz começavam a se tornar mais efetivas. No governo norte-americano existiam dúvidas de como enfraquecer a influência chinesa na Coreia, o que poderia facilitar as negociações. MacArthur queria invadir a Coreia do Norte outra vez, derrotar as tropas norte-coreanas e cortar a influência chinesa definitivamente, mesmo que tivesse de atacar o território chinês - inclusive com artefatos nucleares. O presidente Truman discordava de MacArthur, querendo a negociação entre as partes, pois, de outra forma, poderia provocar a entrada dos soviéticos no conflito e, conseqüentemente, uma Terceira Guerra Mundial.

Tais divergências escondiam as diferenças de objetivos gerais entre eles: MacArthur não gostava de ter suas funções militares reduzidas por questões políticas, pois, dentro da sua lógica, uma vez iniciada uma guerra, era imperativo lutar até o fim; Truman, por sua vez, não queria saídas militares em áreas onde a política poderia resolver. A diferença básica entre ambos era que MacArthur encarava o comunismo como um inimigo a ser destruído, enquanto que Truman não queria destruir o comunismo, pelo menos não com uma guerra mundial, mas apenas limitá-lo.

Por volta de março e abril de 1951, numa carta enviada ao senador Joe Martin, líder da minoria republicana no Congresso, as opiniões de MacArthur tomaram-se claras. A carta foi lida no Congresso no dia 5 de abril, tendo como grande destaque a passagem abaixo:

⁵⁸ - *O Cruzeiro*. Nº 18, Rio de Janeiro, 24/02/51, p. 72;

“Parece estranho que certas pessoas não percebam ter sido aqui, na Ásia, que os conspiradores escolheram para iniciar sua investida para a conquista do planeta. Aqui estamos travando com armas a guerra da Europa, enquanto os diplomatas continuam lutando com palavras; se perdermos a guerra para o comunismo, a queda da Europa é inevitável. Precisamos vencer. Não há alternativa.”⁵⁹ (grifos meus)

Era praticamente impossível, mesmo que a Ásia inteira fosse dominada pelos comunistas de uma única vez, que qualquer ameaça mais contundente na Europa fosse realizada, pois a União Soviética não tinha forças suficientes para tal. Mesmo os grandes países comunistas “aliados”, a China e a União Soviética, não se entendiam harmoniosamente, principalmente na questão coreana: os soviéticos estavam pedindo negociações de paz desde a entrada de tropas chinesas no conflito, algo sempre descartado pelos dirigentes chineses.⁶⁰ Mesmo assim, a idéia de que existia um inimigo vil e ardiloso que tinha de ser vencido de todas as formas em todos os lugares sempre prevalecia.

Na carta de MacArthur está escrita a expressão “certas pessoas”, o que era uma referência muito pouco sutil ao presidente Truman. As diferenças tomadas públicas foram a gota d’água para o presidente: em 11 abril de 1951, Truman demitiu o general MacArthur. Para o seu lugar foi chamado o general Ridgway.

A *Folha da Manhã* destacou a deposição de MacArthur ainda no dia 11 através de telegramas fornecidos pela *United Press*:

“Última Hora

Mac Arthur destituído do comando das forças da ONU

Truman anuncia a sensacional decisão

- Ridgway, o substituto

Washington, 11 (U.P.) - URGENTE -

- O presidente Truman acaba de destituir Mac Arthur.

De Todas as Funções

Washington, 11 (U.P.) - URGENTE -

O presidente Truman destituiu hoje o general Mac Arthur de todas as suas funções no Extremo Oriente, “devido à sua incapacidade de dar toda a sua cooperação às normas do governo”.

Ridgway, o Substituto

Washington, 11 (U.P.) - URGENTE -

O presidente Truman designou o tenente-general Matthews Ridgway, atual comandante do 8.º Exército na Coréia, para substituir Mac Arthur no supremo comando das forças da ONU.”⁶¹

⁵⁹ - extraído de: s/A. “Política Versus Armas - Truman Derruba o Invencível MacArthur.” In Coleção “Guerra na Paz”, V. 1, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 208;

⁶⁰ - Halloway, David. *Stalin e a Bomba*. Rio de Janeiro, Record, 1997;

⁶¹ - *Folha da Manhã*. São Paulo. 11/04/51, p. 1;

A pressa da publicação desse “furo” foi tão grande que o jornal acabou dando duas escritas para o nome do substituto de MacArthur: Ridgeway e “Radegway”.

O *Correio da Manhã* também noticiou a queda de MacArthur. No dia 12 de abril, a notícia com o título de “Truman Destituiu Mac Arthur de Todos os Comandos” destacou:

“O presidente Truman demitiu Mac Arthur dos postos de comando que ocupava, e nomeou para o substituir o general Matthew Ridgway, atual comandante do VIIIº Exército.

Anunciou a demissão em entrevista à imprensa, às 6 da manhã, Truman disse que os comandantes militares têm de se deixar governar pelas diretrizes políticas de seus governos, particularmente em tempo de crise.”⁶²

No editorial “Demissão”, desta mesma edição, o articulista argumentou que:

“Devem estar contentes todos aqueles para os quais a pessoa de Mac Arthur representava o perigo de guerra imediata, o militarismo desafiante, um homem com atitudes antipolíticas no cinema, e mais tarde as coisas que a propaganda bolchevista dizia dele. Num gesto simpático, - simpático, sobretudo porque assim arrisca, e deve sabê-lo, as suas possibilidades de sonhada reeleição – o Presidente Truman destituiu Mac Arthur de todos os seus cargos e encargos. É, ao menos, uma posição clara. O seu ângulo menos feliz é o de ter falado em nome da ONU quando a ONU não falou; de certo modo, o bom presidente Truman superou assim Luiz XIV, atirando bruscamente à face do orbe esta demonstração imprevista:

‘- A ONU, o sou!’

(...)

“A política de MacArthur era a única que poderia evitar a guerra ou aceitá-la como deveria ser aceita, isto é, prevenendo-a.”⁶³

Nem toda a imprensa brasileira concordava com o teor deste editorial. A *Tribuna da Imprensa* noticiou a queda do general no dia 11 de abril com a manchete “Por Desobediência Demitido o General MacArthur”, acompanhada por uma pequena foto do general, que ilustrava a notícia.⁶⁴ Na sua sessão de notícias internacionais, “Um Dia no Mundo”, o destaque para a destituição do general foi considerável:

“Mac Arthur não foi destituído por ausência de capacidade militar. Embora tivesse, segundo os especialistas, cometido alguns erros na Coréia, mas foi a sua ausência de flexibilidade política, a sua

⁶² - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 12/04/51, p. 1;

⁶³ - *op. cit.*, p. 8;

⁶⁴ - *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 11/04/51, p. 1;

tendência a ver tudo sob o ângulo estritamente militar, a sua concepção de força - em face da China, a sua incompatibilidade com a orientação do Departamento de Estado, que em última análise conduziram a essa solução.

*Venceu o controle civil sobre as decisões militares ou seja a democracia.*⁶⁵

A coluna foi publicada como uma folha datilografada e apresentando a assinatura com letras de mão de seu titular, Paulo de Castro. Essa apresentação gráfica, bem diferente da apresentada pelo resto do jornal, foi construída para dar o efeito de uma notícia chocante e surpreendente - efeito muito bem utilizado, pois não deixava de ser mesmo uma notícia chocante e surpreendente para a maioria do público. E o conteúdo concordava plenamente com a decisão de Truman, pois MacArthur havia desrespeitado a hierarquia do poder norte-americano, embora não tenha sido a primeira vez que ele o fizera, como já mostramos.

O Estado de S. Paulo noticiou a queda de MacArthur no dia 12: “Truman Explica as Razões da Demissão de MacArthur e Reafirma a Política de Firmeza dos Estados Unidos”, ressaltando a incompatibilidade entre o poder presidencial supremo e as idéias de MacArthur.⁶⁶ No editorial, “Mac Arthur, um Episódio”, publicado nessa edição, a queda do general foi discutida mais profundamente. O editorial argumentou que tal atitude de Truman provocou repercussão dentro e fora dos Estados Unidos, mas que foi necessária por dois motivos: 1º - inconveniência hierárquica (“tomado (MacArthur) de complexo cesarista, presume que as vitórias lhe atribuem prerrogativas de exceção quer em relação ao comando superior, quer no que tange à política nacional”), sendo que Truman fez o que pode, chegando a conferenciar e dar advertências a ele; 2º - problemas técnicos, pois MacArthur queria ultrapassar a fronteira Manchú, usada de linha de fuga pelos comunistas, mesmo que entrando em guerra direta com chineses e soviéticos, que era uma alternativa que Truman e os aliados não queriam. O editorial encerrou afirmando que:

*“Afiml, queremos apenas acrescentar que, a julgar pelas primeiras notícias, a demissão de Mac Arthur repercutirá de maneira favorável em todo o mundo, mas será causa, senão duma verdadeira agitação, ao menos de intensas comoções políticas nos Estados Unidos.”*⁶⁷

O editorial errou: não existiu a turbulência política nos Estados Unidos. Embora MacArthur fosse popular, suas idéias para a manutenção da guerra não eram compartilhadas com a

⁶⁵ - op. cit., p. 3;

⁶⁶ - *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 12/04/51, p. 1;

⁶⁷ - op. cit., p. 3;

maioria dos eleitores norte-americanos: vários candidatos indicados por MacArthur foram rejeitados em várias eleições.⁶⁸ Os norte-americanos estavam cansados da guerra e a queriam terminada logo.

Tal sentimento foi destacado no *Correio da Manhã* do dia 12, apesar do editorial já mencionado anteriormente. Na capa, a matéria cujo título era “Abala o mundo a demissão de Mac Arthur”, argumentou que existia uma queda de popularidade dos democratas, muito devido a críticas à Truman pelos Republicanos, pois a “*política de Mac Arthur tem talvez apoio sólido nos meios republicanos; mas a guerra da Coréia não é popular entre o povo.*”⁶⁹

O impasse nos campos de batalha atingiria o governo Truman de uma maneira letal: sem poder apresentar uma saída satisfatória para o conflito, além de ser muito pressionado por lideranças pró-MacArthur (mesmo que sem muita popularidade), Truman anunciou que não iria concorrer à reeleição. A guerra “venceu” Truman.

Logo iriam começar efetivamente as negociações de paz na Coréia.

Situações dramáticas e violentas também ocorreriam na Guerra do Vietnã.

Ia Drang

Na imprensa brasileira as análises sobre a Guerra do Vietnã começaram a ocupar espaços cada vez maiores depois de 1965 que, aliás, abriria com uma importante batalha, a de Binh Ghia. O Vietcong atacou bases militares nesta cidade, infringindo pesada derrota ao Exército do Vietnã do Sul, com 121 mortos e, dentre estes, 18 “conselheiros” norte-americanos, o maior número de baixas dos Estados Unidos até então. A *Folha de S. Paulo* destacou a batalha e o aumento de tropas do Vietnã do Sul nos dias seguintes.⁷⁰ Tais esforços se mostrariam inúteis, pois não conteriam a derrota. Mas seus desdobramentos seriam de grande importância.

A mesma *Folha de S. Paulo* noticiaria algo importante: os soviéticos anunciaram que, caso os norte-americanos não saíssem do Vietnã do Sul, eles iriam auxiliar o Vietnã do Norte, o que poderia levar a um confronto direto e, conseqüentemente, a uma Terceira Guerra Mundial.⁷¹ Até então, a posição soviética, sob a liderança de Krushev, pretendia conseguir uma saída negociada do conflito, considerando as possibilidades de uma política de “Coexistência Pacífica”

⁶⁸ - E. N. Dzelepy ficou surpreso com a facilidade com que MacArthur foi deposto e, apesar de grandes manifestações iniciais de repúdio ao ato de Truman, não ocorreram maiores incidentes no decorrer do ano de 1951, sendo que o general, logo, seria colocado no ostracismo. Dzelepy, E. N. “*Nota Final – A Lição da Coréia.*” In Dzelepy, E. N. e Stone, I. F. op. cit;

⁶⁹ - *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 12/04/51, p. 1;

⁷⁰ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 02/01/65, p. 2; e *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 03/01/65, p. 2;

⁷¹ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 04/01/65, p. 2;

com os Estados Unidos. A pressões internas sofridas por Kruschchev (que resultariam na sua queda e na ascensão de Leonid Brezhnev) alteraram essa orientação, o que explica essa mudança de apoio.

Estudantes sul-vietnamitas e budistas prepararam manifestações contra o governo, enquanto tropas governamentais sofriam derrota em Binh Ghia. As manifestações foram grandes, desobedecendo à lei marcial. O Departamento de Estado dos Estados Unidos procurou minorizar a importância das manifestações estudantis e religiosas, tentando mostrar que as informações vinculadas pela imprensa exageravam o número de manifestações e de manifestantes envolvidos.⁷² Como podemos perceber, as divergências com a imprensa eram uma constante, e prosseguiriam nos anos seguintes.

Tais circunstâncias indicavam que a guerra estava longe de ter uma saída pacífica negociada. Newton Carlos, na *Folha de S. Paulo*, especificou que a escalada da guerra (ou seja, a intensificação progressiva do esforço de guerra) era geral, com ambos os lados atuando neste sentido, levando a crise do Vietnã a um ponto crítico.⁷³ Opções foram propostas, mas a inflexibilidade dos lados impedia a progressão de negociações mais produtivas.

Como podemos perceber, na cobertura da guerra a *Folha de São Paulo* tinha a coluna de Newton Carlos, sendo o melhor que a página internacional do jornal poderia oferecer. Suas análises eram muito bem elaboradas, e, muitas vezes, antecipavam questões referentes à guerra, bem como ao “panorama internacional” (que era o título da sua coluna).

E foi na sua coluna que apareceu uma das primeiras avaliações negativas do envolvimento dos Estados Unidos no Vietnã, versando sobre a indefinição do governo norte-americano em relação à guerra, criticando a falta de rumo do governo Johnson. Afirmava que a saída, se houvesse, seria uma solução de compromisso, como a do Laos, contendo tanto os chineses quanto a direita norte-americana, representada na figura do senador e ex-candidato à presidência dos Estados Unidos, Goldwater.⁷⁴ É interessante observar que essa análise foi feita ainda em janeiro de 1965, quando as tropas norte-americanas ainda não haviam chegado efetivamente.

Ainda em 1965, ocorreu a primeira grande manifestação pacifista dentro dos Estados Unidos que reuniu cerca de 25 mil pessoas. Nesta manifestação, as preocupações eram com o risco de uma Terceira Guerra Mundial que poderia ter início no confronto direto com os chineses no Sudeste Asiático. Ainda não era uma manifestação dominada por grupos da Contracultura,

⁷²- *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 05/01/65, p. 2;

⁷³- *Folha de S. Paulo* (seção “Panorama Internacional”). São Paulo, 16/12/65, p. 2;

⁷⁴- *Folha de S. Paulo* (seção “Panorama Internacional”). São Paulo, 12/01/65, p. 2;

embora alguns deles já estivessem presentes, como os jovens pertencentes à Students for a Democratic Society (SDS).⁷⁵

A imprensa brasileira cobriu essa manifestação. A revista *Fatos & Fotos*, em reportagem de João Luiz Albuquerque, correspondente da revista em Washington, mostraria que os 20 mil manifestantes (*sic*) acabaram formando a maior marcha de protesto dentro dos Estados Unidos desde 1963 e que a guerra não era aceita por todas as camadas da população norte-americana. No mesmo artigo, as contra-reações à marcha também são demonstradas, principalmente pela marcha em Nova Iorque, a favor da guerra.⁷⁶

Neste mesmo número da revista apareceria outra análise sobre os riscos de uma Terceira Guerra Mundial, que poderia surgir da Ásia - a região de maiores problemas desse momento. E o Vietnã era o "mais grave problema da Ásia".⁷⁷ Mesmo mantendo sua linha de enfatizar o *Medo da Terceira Guerra Mundial*, a revista *Fatos & Fotos* também abordaria as possibilidades de término do conflito. Júlio Gutiérrez, correspondente estrangeiro, fez uma análise sobre as possibilidades de paz na região. O autor argumenta que a paz foi conseguida na República Dominicana através do Ato de Reconciliação, promovido pela intervenção da OEA, e que a paz no Vietnã dependia de negociações e da flexibilização dos dois lados. O problema é que o lado Vietcong era inflexível, reduzindo muito a viabilidade da paz. Mas a esperança continuava, termina Gutiérrez.⁷⁸ O que Gutiérrez não previa é que essa inflexibilidade cresceu ainda mais, nos dois lados, depois da batalha de Ia Drang, como veremos mais adiante.

No editorial da *Folha de S. Paulo* de 3 de setembro de 1965, insinua-se uma saída, utilizando-se como exemplo os acontecimentos da República Dominicana, onde o comunismo foi "afastado" pela negociação entre as partes, sob responsabilidade da OEA. Na verdade, o país foi invadido por forças da América Latina (sob liderança dos Estados Unidos e total cooperação brasileira, inclusive com o envio de tropas) e a guerra civil culminou na derrota dos grupos guerrilheiros de esquerda - foi uma das aplicações práticas da nova orientação política do regime militar brasileiro, totalmente impregnado pelo *Imagário da Guerra Fria*. Dentro dessa perspectiva política, os norte-americanos seguiriam as orientações do editorial, pois enviaram tropas para conter o comunismo no Vietnã do Sul. Com a entrada destes na guerra, o interesse da imprensa mundial cresceu de maneira significativa.

⁷⁵ - Tuchman, Barbara W. *A Marcha da Insensatez: de Tróia ao Vietnã*. 2. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986; e Wells, Tom. *The War Within - America's Battle Over Vietnam*. Los Angeles, University of California Press Ltda, 1994;

⁷⁶ - *Fatos & Fotos*. Nº 254, Brasília, Editora Bloch, 11/12/65, pp. 6-9;

⁷⁷ - *op. cit.*, pp. 58-62;

⁷⁸ - *Idem*, pp. 64-67;

O governo e o comando militar norte-americano, querendo que a cobertura da guerra fosse a melhor possível (ou seja, a mais favorável possível para o seu lado), montou uma campanha de relações públicas, altamente profissional, para divulgar a sua versão da guerra,⁷⁹ procurando conquistar os “corações e mentes” não apenas do público norte-americano, mas também do resto do mundo. Do lado Vietcong, muito pouco foi produzido, com exceção de matérias do jornalista australiano Wilfred Burchett, que, além de simpatizante da causa Vietcong (era comunista), participava da luta com os guerrilheiros, sendo muitas vezes confundido como um “fantasma” pelo reconhecimento norte-americano.⁸⁰ O interesse pela guerra cresceu mundialmente e o Brasil não foi exceção: várias publicações começaram a cobrir intensamente a guerra. As grandes preocupações da imprensa, nesse momento da guerra, eram com a presença norte-americana no Vietnã do Sul - isso explica a razão das reportagens terem sido em maior número do lado norte-americano.

O comandante-chefe das forças norte-americanas no Vietnã do Sul, o general Westmoreland, procurou usar a mídia para reforçar a imagem de poder dos Estados Unidos, ele mesmo colocando-se sob o foco das atenções, ganhando um espaço na mídia muito grande, sendo o general mais fotografado da sua era,⁸¹ chegando, inclusive, a ser considerado como o “homem do ano” pela revista *The Time*, tendo na capa deste número sua imagem como uma estátua de ferro, querendo insinuar sua firmeza e determinação.⁸²

⁷⁹ - Knightley, Phillip op. cit.;

⁸⁰ - cobrir o do Vietnã do Norte era bem mais difícil, e pouco recomendável para correspondentes norte-americanos. Para se conseguir ser correspondente no Vietnã do Norte as dificuldades eram enormes, pois as autoridades norte-vietnamitas escolhiam quem poderia cobrir a guerra no seu país tendo em vista conveniências ou ganhos políticos, facilitando a entrada de correspondentes dos países comunistas (mais dispostos a colocá-los como vítimas, e que além disso facilitavam o apoio desses governos, justificado pelas descrições dos horrores dos bombardeios), e dificultando ao extremo a entrada de correspondentes de outros países. O primeiro correspondente famoso do ocidente a conseguir chegar a Hanói foi o jornalista norte-americano Harrison Salisbury, do *New York Times*. Suas matérias sobre os bombardeios no Vietnã do Norte provocaram polêmica mundial, já que o correspondente afirmava categoricamente que os bombardeios atingiam não apenas os alvos estratégicos e militares, quase sempre bem protegidos por armamentos chineses e soviéticos, mas também alvos civis, como hospitais, escolas, fábricas com mínima ou sem qualquer utilidade militar e aldeias insignificantes, produzindo muitas vítimas civis inocentes. Suas matérias não seriam bem aceitas nos Estados Unidos, sendo acusado de ingenuidade e de estar apenas reproduzindo o discurso de Hanói. No Pentágono ele era chamado de “Ho Chi Salisbury”. Seu nome foi recomendado para o prêmio Pulitzer de 1967, e ele chegou inclusive a ganhá-lo, mas o conselho diretivo do prêmio alterou tal decisão, o que mostrava o peso político de suas reportagens. Salisbury, Harrison. Um Americano em Hanói. Lisboa, Publicações Dom Quixote, s/D; Salisbury foi recomendado, pelo júri do Prêmio Pulitzer, para uma láurea, em votação que obteve resultados de 4 contra um, mas a Junta Consultiva do Pulitzer rejeitou a recomendação por seis votos contra cinco. Knightley, Phillip. Idem, p. 527;

⁸¹ - Arnett, Peter. Ao Vivo do Campo de Batalhas - do Vietnã a Bagdá, 35 Anos em Zonas de Combate de Todo o Mundo. Rio de Janeiro, Rocco, 1994;

⁸² - extraído de: Querida América - Cartas do Vietnã (Dear America). Documentário, Estados Unidos, dirigido por Bill Couturie, 1987;

No Brasil, a revista *Fatos & Fotos* também publicaria uma matéria sobre o general Westmoreland, com um título, muito expressivo, de “O Homem que faz a Guerra do Vietnã”, mostrando o seu dia-a-dia, numa construção noticiosa de sua imagem como a de um “grande homem”, um grande líder, que não se deixaria abater contra os inimigos.⁸³ Essa demonstração de confiança no general Westmoreland mostrava o posicionamento da imprensa nesse momento da guerra. A imprensa norte-americana, apoiando as ações dos seus militares, dava a devida cobertura favorável, mesmo revelando todas as dificuldades que existiam no Vietnã do Sul. Tal apoio, muitas vezes, significava passar a versão dos militares, mesmo que estranhas ou duvidosas. A chegada de um grande número de correspondentes ao Vietnã do Sul, norte-americanos ou não, foi calculada pelas forças armadas norte-americanas, que prepararam a recepção. A construção da guerra pela imprensa era fundamental para os militares norte-americanos, principalmente depois da batalha do Vale de Ia Drang

A batalha do Vale de Ia Drang foi um dos marcos da guerra, pois foi a primeira batalha de grandes proporções envolvendo forças norte-americanas que chegaram depois do Incidente de Tonquin (mesmo a batalha de Binh Ghia ainda envolvia os chamados “conselheiros” e forças do Vietnã do Sul). O choque entre as forças norte-americanas e norte-vietnamitas produziu horas de lutas sangrentas, encerradas por bombardeios aéreos e de artilharia. Os soldados norte-americanos que sobreviveram foram recolhidos e voltaram para suas guarnições humilhados pela derrota. Mas, para surpresa destes soldados, o que lhes parecia uma grande derrota foi transformado numa grande vitória, sendo que o próprio general Westmoreland congratulou-os pelos excepcionais resultados. Os meios de comunicação, principalmente a televisão, ressaltavam o excelente desempenho das tropas em combate, insinuando que os comunistas poderiam ser batidos em seus próprios domínios.⁸⁴

Para os chefes-militares norte-americanos, a lição aprendida foi que o maior número de baixas do inimigo seria o fator que determinaria a vitória ou a derrota. A contagem de corpos (“*body count*”) transformou-se na política de guerra das forças norte-americanas. Utilizando

⁸³ - *Fatos & Fotos*. Nº 300, Brasília, Editora Bloch, 29/10/66, pp. 24-28;

⁸⁴ - o Vale de Ia Drang ficava perto da fronteira do Vietnã do Norte, tendo sido detectada a presença de forças norte-vietnamitas na região e enviadas para lá forças norte-americanas para uma operação de “limpeza”. As lutas que se seguiram à chegada dos norte-americanos foram de grande violência, tendo seu desfecho decidido pela aviação, que bombardeou as forças norte-vietnamitas (e alguns norte-americanos também, pois dois aviões operavam com coordenadas erradas, sendo o início de uma série de erros militares que marcariam a guerra por parte das forças norte-americanas). Um segundo batalhão chegou em substituição ao primeiro, caindo numa emboscada, pois ele simplesmente entrou no meio das forças norte-vietnamitas - que ficaram admiradas, pensando que se tratava de algum truque. Depois de quase ter sido eliminado pelas forças norte-vietnamitas, a aviação voltou para salvar o batalhão e atacou o local, bombardeando quem estivesse embaixo, pois as forças em luta estavam muito próximas. Extraído de: Ia Drang - a Primeira Batalha da Guerra do

o maior poder de fogo de seus armamentos e tropas melhor armadas e treinadas, as forças norte-americanas conseguiam impedir qualquer avanço Vietcong, sem a necessidade de convocações excessivas, o que poderia resultar numa imagem negativa dentro dos Estados Unidos. A imprensa norte-americana aceitou essa política, pelo menos até 1968.⁸⁵

O lado comunista também aprendeu suas lições na batalha de Ia Drang: ficou claro que, enquanto que as forças rebeldes (Vietcong e Exército do Vietnã do Norte, em ações combinadas ou em separado) poderiam sofrer pesadíssimas baixas para ganhar a guerra, ou seja, estavam mais prontas para sacrificar tudo numa vitória, os norte-americanos sofriam pressões internas dependendo do número de baixas sofridas. Dentro dessa perspectiva, a tática do Vietcong e do Exército do Vietnã do Norte transformar-se-ia quase em suicídio. Com a trilha Ho Chi Minh fornecendo o abastecimento de suprimentos e de homens,⁸⁶ o Vietcong lutaria onde e quando achasse melhor, sempre levando em conta as condições do terreno (para dificultar o maior poder de fogo dos norte-americanos, eles lutariam praticamente “colados” nas tropas inimigas) e as motivações psicológicas (os norte-americanos deveriam saber que não eram bem-vindos e que não existia lugar seguro para eles em todo o Vietnã), podendo determinar o número de baixas que poderiam ter, sendo esse número sempre muito maior do que os estrategistas norte-americanos poderiam suportar.⁸⁷ Logo, as baixas norte-americanas começaram a crescer, levando a guerra a um impasse no ano de 1966, que só se resolveria com a Ofensiva do Tet no início de 1968.

Antes que a política da “contagem de corpos” dos norte-americanos e as táticas suicidas dos comunistas entrassem plenamente em ação,⁸⁸ possibilidades de paz surgiram. Uma das maiores aconteceu no final de 1965, quando foi estabelecido uma trégua para o Natal. Newton Carlos, poucos dias antes do anúncio desta trégua, estava pessimista em relação à guerra e, principalmente, quanto a inevitável escalada armada:

“Ponto Crítico - A escalada é, portanto, geral. Ambos os lados intensificam a guerra, levando a crise do Vietnã a um ponto extremamente crítico. Daí o pessimismo da Europa. Daí a febre de guerra que toma conta de Washington.”⁸⁹

Vietnã. Documentário, produzido pela NBC e exibido pela Rede Bandeirantes de Televisão em 1994, que não forneceu maiores detalhes sobre a produção e direção;

⁸⁵ - documentário Ia Drang - a Primeira Batalha da Guerra do Vietnã. op. cit.;

⁸⁶ - trilha montanhosa que ligava o Vietnã do Norte ao Vietnã do Sul através do Laos e do Camboja, que servia de linha de reabastecimento para o Vietcong;

⁸⁷ - s/A. “A Guerra Invencível.” In Coleção “Guerra na Paz”, V. 3, Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984;

⁸⁸ - uma outra “tática” norte-americana também era acionada nessa época: a “Operação Fênix”, que consistia em atos realizados secretamente por forças norte-americanas para que fossem atribuídos aos comunistas. Extraído de: CBS Classics. Documentário, Estados Unidos, produtora executiva Patti Hassler, dirigido por Eric Shapiro, exibido originariamente em 02/06/88 e retransmitido como CBS Classic em 1998;

⁸⁹ - Folha de S. Paulo (seção “Panorama Internacional”). São Paulo, 16/12/65, p. 2;

Mas, aparentemente, a situação tinha mudado e uma trégua de natal estava sendo discutida entre ambos os lados e a *Folha de S. Paulo* a destacou com insistência em várias manchetes principais de sua capa. Até mesmo o cético Newton Carlos concordou que existiam “*sintomas evidentes de que o desejo de negociar é geral, o que poderá transformar uma trégua de Natal num começo de paz a longo prazo.*”⁹⁰

No dia de Natal, a grande manchete anunciava que “Silenciam os canhões no Vietnã”, complementando que a trégua de Natal estava sendo respeitada.⁹¹ As esperanças de uma paz mais duradoura morreriam logo, pois a trégua foi violada - como a manchete do dia seguinte acabou por destacar, “EUA denunciam: violada a trégua”, com acusações de ambos os lados por a terem rompido.⁹² No dia 27, a guerra se reinicia⁹³ e, apesar de uma inexplicada calma nos dias seguintes,⁹⁴ a paz não chegaria tão cedo.

A determinação de ambos os lados ficaria cada vez mais intensa. A viagem de Lyndon Johnson aos países aliados na Guerra do Vietnã no pacífico (Austrália, Nova Zelândia, Coréia do Norte, Filipinas, etc.) recebeu a cobertura da revista *Fatos & Fotos*, que destacou uma interessante frase do presidente norte-americano, que “pregava a paz” e perguntava: “Que adianta continuar uma guerra que não podeis vencer?”⁹⁵ Provavelmente tais palavras poderiam perfeitamente terem sido ditas pelo presidente norte-vietnamita Ho Chi Minh, que defendia a mesma idéia. No “Apelo à nação”, discurso proferido por Ho Chi Minh em 17 de julho de 1966, podemos destacar a seguinte passagem:

*“Johnson e seus acólitos devem estar cientes disto: podem enviar 500 mil homens, um milhão ou até mais, para intensificar a guerra do Vietnã do Sul; podem utilizar milhares de aviões para multiplicar os ataques contra o Norte, mas jamais poderão abalar nossa férrea vontade de combater a agressão norte-americana, pela salvação nacional. A guerra poderá durar ainda cinco anos, dez anos, 20 anos ou mais ainda; Hanói, Haiphong e outras cidades ou empresas poderão ser destruídas, mas o povo vietnamita não se deixará intimidar. Não existe nada de mais precioso que a independência e a liberdade. Após a vitória, nosso povo reconstruirá o país, melhor, maior e mais belo.”*⁹⁶

⁹⁰ - *Folha de S. Paulo* (seção “Panorama Internacional”). São Paulo, 21/12/65, p. 2;

⁹¹ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 25/12/65, p. 1;

⁹² - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 26/12/65, p. 1;

⁹³ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 27/12/65, p. 1;

⁹⁴ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 28/12/65, p. 1;

⁹⁵ - *Fatos & Fotos*. Nº 302, Brasília, Editora Bloch, 12/11/65, pp. 62-65;

⁹⁶ - extraído de: Alvarez, Marta Helena (Org.). *Ho Chi Minh*. Coleção “Grandes Cientistas Sociais”, São Paulo, Ática, 1984, p. 87;

A determinação dos rebeldes nunca fora realmente considerada pelas forças norte-americanas. Um erro absurdo e de trágicas conseqüências.

Em 1966, mais uma vez, a revista *Fatos & Fotos* analisaria a Guerra do Vietnã pensando nas possibilidades de uma Terceira Guerra Mundial. Desta vez, o autor é Roberto Pereira, que destacou os riscos de uma guerra nuclear - o Vietnã é apresentado, como não poderia deixar de ser, como um dos focos de tensão.⁹⁷

A virada de 1966 para 1967 não foi tão esperançosa como havia sido a virada de ano anterior. As possibilidades de aumentar a escalada eram iminentes, e foram destacadas por Luiz Edgar de Andrade na revista *Fatos & Fotos*. O posicionamento da imprensa em relação à guerra mudara de vez, e as palavras de Edgar de Andrade dão bem a medida das mudanças:

*“O govêrno de Hanói não se rendeu e aos poucos o Pentágono se convence de que a única maneira de ganhar a guerra é destruir totalmente os dois Vietnãs, até a morte do último vietnamita.”*⁹⁸

Posicionamento radical demais, talvez, mas mostrava que a política norte-americana, tão elogiada até então, começava a dar sinais de fracasso.

A Guerra do Vietnã ganhava seus caminhos, mas algumas idéias persistiram: a China continuava sendo a “vilã”. Um editorial da *Folha de São Paulo* sobre o comentário do novo comandante da Marinha dos Estados Unidos, almirante John Wyman Jr. - de que não bastava bombardear o porto de Haiphong, mas também era necessário miná-lo -, foi considerado como uma aceitação da política da China. O editorial foi claro neste ponto:

*“Ninguém ignora que o principal objetivo da China, no momento, é criar condições que conduzam a um choque irremediável entre norte-americanos e russos, cuja aproximação, segundo o ponto de vista predominante em Pequim, representaria grave contratempo para a execução dos planos internacionais chineses a longo prazo.”*⁹⁹

A China impedia que a ajuda soviética passe por seu território, obrigando-a a ser passada pelo mar e entrar no Vietnã do Norte pelo porto de Haiphong, com possibilidades de algum navio de bandeira soviética ser atingida pelos bombardeios norte-americanos, o que impediria um melhor relacionamento entre os dois países, beneficiando a China.

As alternativas para a resolução do conflito estavam cada vez menos promissoras. Analisando essas alternativas, o editorial da *Folha de São Paulo* mostrava que o ambiente para os

⁹⁷ - *Fatos & Fotos*. Nº 278, Brasília, Editora Bloch, 28/05/66, pp. 51-54;

⁹⁸ - *Fatos & Fotos*. Nº 310, Brasília, Editora Bloch, 07/01/67, pp. 18-23;

Estados Unidos saírem da guerra era favorável, mas ninguém apresentava uma fórmula viável para uma saída, observando que uma “retirada pura e simples não pode, como é óbvio, ser considerada.”

As reações contra a guerra aumentariam, como na Manifestação em Nova York, com aproximadamente 100 mil pessoas, que reuniram-se no Central Park e marcharam até o prédio da ONU, contra a Guerra do Vietnã.¹⁰⁰ As reações contra a guerra aumentariam não apenas entre os jovens. Em 1967, Noam Chomsky publicou o artigo “*The Responsibility of Intellectuals*” (título copiado do ensaio de Dwight McDonald, de 1945), onde ele expressava a necessidade da reação dos intelectuais contra o consenso da sociedade norte-americana, consenso este que permitiu o lançamento das bombas atômicas contra o Japão em 1945. A Guerra do Vietnã estaria seguindo, então, o mesmo caminho.¹⁰¹

A contestação chegaria ao seu auge na grande manifestação em Washington, em 1967, conhecida como “Os Degraus do Pentágono”, que contou com a presença de 200 mil manifestantes, tendo um público bem variado de contestadores, e não apenas universitários.¹⁰² Mas não foi uma marcha pacífica, pois alguns manifestantes tentaram invadir o Pentágono e foram agredidos pelas forças policiais.¹⁰³ A contestação à guerra começava a ficar mais violenta, tanto por parte dos contestadores quanto das autoridades.¹⁰⁴

⁹⁹ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 12/10/67, p. 4;

¹⁰⁰ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 16/04/67, p. 2;

¹⁰¹ - referências ao artigo: Francis, Paulo. Trinta Anos esta Noite - 1964, o que Vi e Vivi. São Paulo, Companhia das Letras, 1994; Chomsky, Noam e Herman, Edward S. Banhos de Sangue. São Paulo, Difel, 1976;

¹⁰² - para detalhes sobre os grupos de manifestantes pacifistas ver Mailer, Norman. Os Exércitos da Noite (Os Degraus do Pentágono). Rio de Janeiro, Record, 1985;

¹⁰³ - Norman Mailer, comentando as razões do fracasso da invasão do Pentágono pelos manifestantes, levantou dois pontos: “Um deles é a extraordinária exigência de ação do lado dos manifestantes, se é que eles iriam fazer alguma coisa. Qualquer um que tenha passado pelo sistema educacional da América está, num grau inconsciente, a meio caminho de ser patriota. (...) O cérebro é profundamente lavado, restando reflexos condicionados: camisas brancas, a saudação à bandeira, o Star-Spangled Banner. Em casa, é o látego da pátria da corporação: o aparelho de televisão. Quem discutirá que não existem idéias fixas sobre os nossos bravos soldados, corajosos tiras, grande força e brutal capacidade patriótica na terra da autoridade? Observações óbvias, mas é precisamente essa gigantesca e altamente convencida parcela inconsciente de cada um que um manifestante tem de superar quando investe com a sua pequena parcela de um exército contra uma linha de PMs em filas compactadas e de armas engatilhadas; (...) Além disso, avança-se desarmado contra homens que empunham cassetetes e rifles.” Podemos perceber nesta fala de Mailer que o condicionamento da sociedade (pela escola, tv, etc.) era bastante profundo, o que interferia também na ação dos manifestantes - ou, em outras palavras, Mailer nos apresenta a típica idéia da tecnocracia agindo na mente de todas as pessoas, inclusive nos manifestantes. Mailer, Norman. op. cit., pp. 275-276;

¹⁰⁴ - mas nem todos os intelectuais norte-americanos eram contrários à guerra. Um dos intelectuais norte-americanos que ficaram a favor do governo Johnson foi John Steinbeck, famoso por suas obras de crítica social sobre os anos 30, como As Vinhas da Ira e Boêmios Errantes. Um dos seus filhos estava lutando no Vietnã quando ele foi visitar Saigon, em 1966. Suas observações sobre a guerra, publicadas pela imprensa norte-americana, limitaram-se a enfocar o lado humano da guerra, ou seja, descrições da vida dos soldados nos campos de batalha. Steinbeck escreveu pouco sobre a natureza política da guerra, mesmo tendo dado seu apoio ao governo norte-americano. Numa carta escrita para Lyndon Johnson, Steinbeck valorizou o aspecto patriótico: “Sei, Sr. presidente, que o senhor recebe muitos relatórios através de seus canais oficiais de

A Marcha do Pentágono provocou reações na imprensa. O editorial da *Folha de São Paulo* sobre ela merece destaque. O editorial abre argumentando que essa manifestação está no centro de uma complexa situação que envolve a Guerra do Vietnã e, com certeza, irá estimular a luta vietnamita contra os Estados Unidos, pois “*governantes norte-vietnamitas não escondem que estão lutando não tanto para conquistar o Vietnã do Sul e levar ao poder seus aliados da Frente de Libertação Nacional, mas para minar a vontade dos Estados Unidos de prosseguirem no seu presente esforço bélico.*”¹⁰⁵

E a Ofensiva do Tet “mudou” a vontade dos Estados Unidos.

Ofensiva do Tet

Qualquer que seja a idéia que se tenha do “revolucionário” ano de 1968, sabe-se que ele “começou” na ofensiva do Tet. Em janeiro de 1968, Johnson faria um pronunciamento dizendo que a guerra estava dominada pelas forças norte-americanas e sul-vietnamitas e que logo estaria ganha. Um mês depois, tudo mudaria.

Aproveitando a trégua do feriado do Tet (o Ano Lunar Indochinês, uma mistura de natal, fim de ano e dia da independência), as forças do Vietcong e do Vietnã do Norte realizaram a mais ousada, ampla e violenta investida para tomar o país. Praticamente todas as províncias do Vietnã do Sul envolveram-se na luta, e as cidades imperiais de Hué e Khe Sahn foram cercadas pelas tropas comunistas. Saigon foi palco de intensas lutas, e a embaixada norte-americana foi atacada por guerrilheiros - ou seja, o símbolo da presença norte-americana na região fora invadido.¹⁰⁶ A violência não tinha parâmetros. Uma das cenas mais chocantes da guerra surgiu nesse momento: um oficial sul-vietnamita pegou sua arma e, na frente de câmeras de televisão e de jornais, atirou na cabeça de um suposto guerrilheiro vietcong de camisa xadrez. A cena, transmitida quase que ao vivo, foi uma das mais famosas e impiedosas do século XX.

A produção jornalística e a representação da ofensiva do Tet criada pela mídia, em particular pela televisão, acabou sendo decisiva para o desenrolar da guerra. A ofensiva do Tet tinha, como um dos seus objetivos principais, atacar posições importantes do ponto de vista moral e

informação. Mas quero dizer-lhe, por este meio inteiramente informal, que temos aqui os soldados mais bem treinados, mais inteligentes e mais dedicados que já vi em qualquer exército, e eu vi soldados em meu tempo. Esses homens são os melhores que já tivemos.” Mas, numa carta destinada para Elizabeth Otis, escrita pouco tempo depois da carta enviada a Johnson, Steinbeck mostrou-se menos otimista: “Parece que estamos afundando cada vez mais no pantanal. É verdade. Tenho bastante certeza agora de que as pessoas que dirigem a guerra não têm nem conceito nem controle dela. E creio que tenho alguns conceito, mas não posso escrevê-lo.” Parini, Jay. *John Steinbeck - uma Biografia*. Rido de Janeiro, Record, 1998, pp. 536-538;

¹⁰⁵ - *Folha de São Paulo*. São Paulo, 18/10/67, p. 4;

psicológico, e a escolha de fazê-la num momento em que a produção da imprensa, e da televisão em particular, chegava com mais velocidade, graças ao sistema de satélites, foi a melhor possível para o Vietcong e Vietnã do Norte, já que a emergência da situação impedia maiores edições, ou seja, elas chegavam às casas do mundo inteiro com sua potencialidade máxima.

A invasão da embaixada norte-americana também teve um peso psicológico muito forte, pois contrastava com o que o presidente Johnson havia dito pouco mais de um mês antes. O apresentador Walter Cronkite, em seu programa jornalístico da TV, afirmaria: *“Que diabo está acontecendo? Eu pensei que nós estávamos ganhando a guerra!”*¹⁰⁷

As forças norte-americanas e seus aliados venceram militarmente a ofensiva do Tet, conseguindo tomar todas as posições ganhas pelo Vietcong (apenas o cerco sobre a cidade imperial Khe Sahn duraria mais tempo) e infligindo pesadíssimas baixas (o Vietcong nunca mais conseguiria ter a mesma capacidade de luta nos anos seguintes, sendo substituído, gradativamente, pelas forças norte-vietnamitas). Mas a vitória política foi do Vietcong, pois mostrou, ou pareceu mostrar, que uma vitória norte-americana estava muito longe de ser alcançada, e para que ela ocorresse, eram necessários muitos mais esforços, tanto em termos econômicos quanto militares, tornando necessária a presença de um maior número de tropas norte-americanas.

Mas não havia mais tempo para isso. Como, depois de mais de dois anos de presença militar norte-americana no Vietnã do Sul, as forças inimigas poderiam dar um ataque de tal proporção? As palavras de Johnson ditas em janeiro, de que a guerra estava sendo ganha, foram fragorosamente desmentidas. A guerra, do ponto de vista norte-americano, estava perdida. Pouco tempo depois, Lyndon Johnson anunciaria que não iria concorrer à reeleição. Assim como a Guerra da Coreia “vencera” Harry Truman, a Guerra do Vietnã também “venceria” Johnson.

A televisão, mais do que nunca, representava não apenas a guerra, mas uma sociedade cindida: a guerra dividiu o país. A produção jornalística escrita - que estava valorizando as fotografias (ou seja, a produção imagética) - , unida com as imagens vindas de satélite e apresentadas pela televisão, apresentava construções noticiosas cada vez mais chocantes, não deixando dúvidas de que a presença norte-americana na região fora um erro. As notícias foram por demais dramáticas para se ficar indiferente a elas. (embora não inteiramente no Brasil, que ainda não tinha esse sistema, mas sim nos países que tinham tal tecnologia).

De maneira cada vez mais evidente, a opinião pública começou a condenar a guerra - mais pela impossibilidade de vencê-la do que pela atuação dos movimentos pacifistas, que

¹⁰⁶ - Tuchman, Barbara W. op. cit.;

¹⁰⁷ - extraído de: Machado, Arlindo. *A Arte do Vídeo*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 98;

começavam cada vez mais a deixar de serem “pacíficos”.¹⁰⁸ Os efeitos da ofensiva do Tet também ultrapassaram as fronteiras dos Estados Unidos. Desde 1967, quando as universidades norte-americanas protestaram contra a guerra, as universidades européias passaram a seguir os mesmos caminhos. Na Alemanha Ocidental, a *Sozialistischer Deutscher Studentenbund* (Federação dos Estudantes Socialistas Alemães, sigla SDS), organizou um congresso internacional contra a Guerra do Vietnã e, no final do evento, bandeiras vermelhas tremulavam em Berlim Ocidental, provocando a ira dos conservadores alemães, principalmente dos jornais do grupo *Springer*. Um dos líderes do SDS, Rudi Dutschke, foi alvejado por um fanático de direita em abril de 68, marcando o início das manifestações estudantis na Alemanha.¹⁰⁹

No dia 22 de março de 1968, um grupo de estudantes da Universidade de Nanterre foi preso pela polícia durante manifestações contra a Guerra do Vietnã. Seu líder: Daniel Cohn-Bendit. Este grupo, que seria então denominado Movimento 22 de Março, também protestava contra as autoridades acadêmicas. Os protestos de outros estudantes à prisão deste grupo iniciariam o famoso Maio francês.¹¹⁰

Não foi apenas na Europa Ocidental que aconteceriam as repercussões do Tet. Uma mineira boliviana mostra a extensão das “lutas”:

“E, que bonito é sentir que em outros povos temos irmãos que nos apoiam, se solidarizam com nós, nos fazem compreender que nossas lutas não são isoladas. Esta solidariedade significa muito. Na Bolívia, sempre procuramos manifestá-la, atuando de alguma forma.

Por exemplo, nos últimos anos, nos solidarizamos particularmente com Chile, Vietnã, Laos e Camboja. Nos alegramos com o triunfo do Vietnã que conseguiu golpear o imperialismo. E de várias maneiras lhes fizemos saber que, ainda que não fomos combater ao lado deles, estávamos com os vietnamitas.”¹¹¹

Não que a guerra fosse a questão central das problemáticas estudantis, pois cada país onde tais manifestações ocorreram tinha seus problemas e propósitos específicos. Mesmo na França, contestava-se o ensino centralizado, ineficaz e regido por normas de conduta

¹⁰⁸ - a sociedade norte-americana mergulhou em momentos de muita tensão e violência, na luta entre “pombos” e “falcões”. Os assassinatos de Martin Luther King e de Robert Kennedy, duas importantes figuras contrárias à guerra, e a violência que marcou a Convenção do Partido Democrata em Chicago mostraram para muitos contrários à guerra que os caminhos da contestação pacífica tinham se encerrado, fazendo surgir grupos radicais como os Panteras Negras e os Weathermen, este último uma dissidência da SDS. Tuchman, Barbara W. op. cit.; e Wells, Tom. op. cit.;

¹⁰⁹ - extraído de: Cohn-Bendit, Dany. *Nós que Amávamos Tanto a Revolução - 20 Anos Depois*. São Paulo, Brasiliense, 1987;

¹¹⁰ - Cohn-Bendit, Dany. *O Grande Bazar - as Revoltas de 1968*. São Paulo, Brasiliense, 1988;

¹¹¹ - Viezzer, Moema. *“Se Me Deixam Falar...” - Domitila - Depoimentos de uma Mineira Boliviana*. 14ª ed., São Paulo, Global, 1987, pp. 36-37;

conservadoras.¹¹² Mas a Guerra do Vietnã também era contestada e, através dos meios de comunicação, várias partes diferentes do mundo viram seus problemas e aspirações, mesmo que diferentes, unidos na luta contra a guerra.

A imprensa brasileira, como um todo, cobriu a ofensiva do Tet: o assunto ficou nas primeiras páginas e nas principais manchetes durante todo o mês de fevereiro nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. A publicação dessas notícias ganhava características dramáticas, quando não desesperadoras. Cada movimento da ofensiva foi descrito, edições extras lançadas e cada acontecimento era colocado minuciosamente, quando não espetacularmente, com inúmeras fotografias e desenhos gráficos, além de descrições de lances absolutamente desesperados.

A grande imprensa, já matizada por posições contrárias à guerra, assume esse posicionamento de vez. O editorial da *Folha de S. Paulo* do dia 1 de fevereiro (ou seja, ainda no começo da ofensiva) foi muito esclarecedor quanto ao fim das expectativas norte-americanas em relação à guerra e a queda do seu otimismo. O Vietnã do Sul estava “minado de guerrilheiros”, mesmo em áreas de forte segurança. O Vietcong mostrava uma força que poucos calculavam existir. A ofensiva era uma estratégia para forçar as negociações, mas, sendo ano eleitoral nos Estados Unidos, apenas seriam possíveis após as eleições, concluía o editorial.¹¹³

A ofensiva continuava. A *Folha de S. Paulo* destacou que o número de mortos, até o dia 3 de fevereiro, estava na ordem de 11.500 pessoas.¹¹⁴ O editorial do jornal deste mesmo dia destacaria que os objetivos do Vietcong não eram militares, mas sim psicológicos e políticos, ou seja, que a FLN e Hanói queriam abrir negociações na base da força, ou pelo menos com vantagem no tabuleiro de discussões.¹¹⁵ As lutas dos dias seguintes e os resultados práticos da ofensiva confirmariam esses pontos de vistas.

O importante desse editorial não é propriamente sua análise da ofensiva, mas a mudança de posicionamento do jornal perante a guerra, ou seja, da “culpa” da China não restava mais nada, principalmente com o Vietcong mostrando-se mais independente do que se poderia supor de um mero “fantoche” chinês ou soviético. A selvageria das lutas mostrava sua incrível determinação, exibida tanto pelos meios escritos quanto pela televisão, o que justifica essa mudança editorial. Para os nossos meios de comunicação, os vietnamitas queriam vencer a guerra mais do que qualquer outra coisa, com uma determinação que os norte-americanos não tinham - e jamais teriam.

¹¹²- Cohn-Bendit, Dany. op. cit.;

¹¹³- *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 01/02/68, p. 4;

¹¹⁴- *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 03/02/68, p. 2;

¹¹⁵- op. cit., p. 8;

A televisão brasileira recebia as imagens com defasagem, o que valorizava um meio ainda importante no Brasil, o rádio. Alfredo Sirkis afirmou que ele acompanhou a ofensiva do Tet pelo rádio, que a noticiava com grande destaque (“sensação dos noticiários de rádio”) - ele “torcendo” para o Vietcong, enquanto seu pai “torcia” para os norte-americanos.¹¹⁶ Pais contra filhos por causa da Guerra do Vietnã: eis uma situação bastante corriqueira no ano de 1968, pelo menos nos lares de milhares de estudantes.

No dia 6 de fevereiro, quando a queda de Khe Sahn para as forças do Vietnã do Norte parecia inevitável, Newton Carlos, na sua coluna diária, destacou a presença da televisão norte-americana na cobertura da guerra, que tinha tornado os cidadãos norte-americanos íntimos dela, o que estava resultando numa pressão interna muito grande para que ela acabasse o mais rápido possível.¹¹⁷ Uma análise dessa natureza permite entender como os que viviam o momento começavam a entender a cobertura pela televisão - a guerra tinha se tornado íntima da vida de milhões de pessoas.

No dia 8, mais uma vez o governo militar anunciou que o Brasil não enviaria tropas para o Vietnã.¹¹⁸ E em junho, o general “de ferro”, Westmoreland, seria destituído, sendo substituído pelo general Creighton W. Abrams.

O Massacre de My Lai

Como tinha acontecido durante a Guerra da Coréia, a Guerra do Vietnã também produziu massacres realizados por ambos os lados. Mas o de My Lai ficaria sendo o mais famoso deles.

¹¹⁶ - a seguinte passagem é bastante reveladora sobre o “clima” político da época: “Naquele fim de verão de 68, sob os eucaliptos e bananeiras do sítio, outra coisa me impressionou enormemente, na sensação dos noticiários de rádio: a ofensiva do Tet, no Vietnã. Convertido à causa vietcong, eu acompanhava, eletrizado, o cerco a Khe San e a batalha de Hue. As notícias, na bucólica varanda aos som das cigarras, pareciam verdadeiras finais de copa do mundo, papai torcendo pelos marines, eu pelos vietcongs. Era mais ou menos assim: - E atenção: Saigon, urgente! Caças-bombardeiros norte-americanos realizaram mais de 150 incursões contra alvos ao Norte e ao Sul do paralelo 17. Os arredores da base de Khe San foram novamente alvo de centenas de toneladas de bombas despejadas sobre os vietcongs, pelas gigantescas fortalezas voadoras B-52... - Napalm neles. Napalm neles. - Torcia papai contente. - ... segundo o comunicado do comando militar em Saigon, nas últimas 24 horas, foram liquidados 1.645 vietcongs. As tropas americanas: 3 mortos, oito desaparecidos e 42 feridos... - Tudo mentira! Tão inventando. - Eu desdenhava, colérico. - ... ainda não confirmaram notícias de correspondentes e agências de informações, provenientes desta capital, relativas à derrubada, nas últimas 24 horas, de dois jatos F-4 Phantom e seis F-105, pelas baterias e mísseis norte-vietnamitas perto dos alvos nas regiões de Hanói e Haiphong... - Muumuito bem! É pau nos gringos, é fogo no imperialismo! Ho! Ho! Ho-Chi-Minh! - berrava saltitante pela varanda. Papai se indignava: - Subversivo! Baderneiro! Vou ter um enfarte por tua causa! Ah, esse maldito colégio...” Sirkis, Alfredo. Os Carbonários - Memórias da Guerrilha Perdida. 10ª ed., São Paulo, Global, 1988, p. 55;

¹¹⁷ - *Folha de S. Paulo* (seção “Panorama Internacional”). São Paulo, 06/02/68, p. 2;

A imprensa norte-americana, até então a favor da guerra, colocou-se quase que unanimemente contra ela. Do Tet para frente, as matérias seriam mais críticas; as imagens, até então apresentadas como positivas, ganhariam novas conotações, sendo mostradas como verdadeiras aberrações. Tal tendência seria acentuada com o incidente de My Lai, onde mais de cem aldeões foram massacrados por forças norte-americanas.¹¹⁹

A matéria, realizada pelo jornalista *free-lancer* Seymour Hersh, chocou a opinião pública mundial. O massacre de My Lai foi levantado por um jornalista dentro dos Estados Unidos, que pode assim ter uma distância suficiente para se impressionar com os fatos, ao contrário dos seus colegas correspondentes na região, que viam massacres constantemente, sem mais se impressionar com eles, pelo menos a ponto de relatá-los. Como podemos perceber, o local da produção da notícia interfere na sua produção, na sua representação. Mesmo assim, o assunto parecia morrer. Então, apareceram as fotos do massacre, tiradas por um fotógrafo do exército que estivera em My Lai com Calley. As imagens foram decisivas na matéria, e My Lai transformou-se num trauma para o exército dos Estados Unidos e para todo o país, que tanto justificara suas ações no Sudeste Asiático para salvar aquele povo, e não para destruí-lo. Mais uma vez, as imagens mostraram-se fundamentais para a importância e o impacto de uma notícia.¹²⁰

Uma das conseqüências do episódio de My Lai foi que a imprensa norte-americana considerou a guerra praticamente encerrada, pois nada mais poderia justificá-la e, contando-se que os soldados norte-americanos estavam sendo retirados no processo de “vietnamização”, como veremos mais adiante, a guerra estaria logo encerrada, e as preocupações deveriam ser desviadas para as conversações de Paris, onde o destino da guerra estava sendo decidido diplomaticamente. A

¹¹⁸ - *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 08/02/68, p. 1;

¹¹⁹ - em 16 de março de 1968, a Companhia C, Primeiro Batalhão, Vigésima Infantaria, Décima-Primeira Brigada, Divisão Americal, entrou na vila de My Lai e matou entre 90 e 130 homens, mulheres e crianças, sob o comando do Tenente William L. Calley Jr., como os soldados que participaram da ação iriam confirmar. O exército começou as investigações em 23 de abril de 1969 e, em setembro, perto do desligamento de Calley, foi feita uma acusação contra ele pelo assassinato de 109 “seres humanos orientais”, número que, mais tarde, foi reduzido para 102. Tal registro recebeu cobertura mínima, e o episódio poderia ter-se encerrado, mas um repórter *free-lance*, Seymour Hersh, o retomou. Hersh cobria o que acontecia no Pentágono, mas, desiludido com a política oficial de Washington, demitira-se. Através de um contato, o advogado Geoff Cowan, que lhe afirmara que o exército estava indiciando um sujeito por ter matado 75 civis vietnamitas, Hersh, depois de dois dias e vinte e cinco telefonemas, descobriu que o número era de 109 e que valia a pena investigar. Através do Fundo de Jornalismo de Investigação, que lhe prometera mil dólares para as despesas, Hersh viajou até o Forte Benning, onde ocorreram as investigações, e depois de muitas idas e vindas, descobriu o tenente Calley e o entrevistou. A matéria estava pronta, mas o problema seria publicá-la. As revistas *Life* e *Look* se recusaram a publicá-la. Hersh procurou uma agência pouco conhecida, a *Dispatch News Service*, de Washington, fundada há poucos meses, que a ofereceu para 50 jornais, ao preço de cem dólares em caso de publicação. Cerca de 36 órgãos da imprensa publicaram a matéria, inclusive o *The Times*, de Londres. Extraído de: Knightley, Phillip. op. cit.;

¹²⁰ - Knightley Phillip. Idem;

quantidade de tempo e espaço dedicado a ela começou a declinar.¹²¹ Mas, como também veremos a seguir, a guerra não diminuiria.

A cobertura da guerra pela imprensa brasileira, nesse momento, foi influenciada pelas condições políticas de caráter excepcional que o país atravessava. Dominando a produção de imagens e palavras (quer pela censura ou por órgãos próprios de criação de propagandas), passando a sua visão dos acontecimentos e utilizando todos os meios de violência possíveis, inclusive a prisão sem justificativas e a tortura, os militares controlaram a situação no país, impedindo qualquer possibilidade de os grupos guerrilheiros aumentarem o seu quadro ou de conseguirem maiores propagandas. Apenas os seqüestros de embaixadores deram alguma notoriedade a esses movimentos, mas eram mais atos de desespero para salvar seus colegas da prisão (e da tortura) do que atos de iniciativa estratégica. Para os grupos de esquerda, o definitivo estabelecimento do aparato repressivo foi outro fator decisivo para a sua derrota. Neste aspecto, os órgãos de repressão foram organizados para dar maior praticidade às operações anti-guerrilha.¹²² No final de 1969, um golpe poderoso é dado pela repressão: Carlos Mariguela, o líder da ALN, é morto.

A imprensa ganhava mais um filtro: a censura. A prisão de muitos jornalistas, a necessidade de se ter diploma para trabalhar na imprensa (muitos intelectuais que trabalhavam como jornalistas não puderam mais exercer a profissão) e o endurecimento da repressão fechou muitos espaços para o trabalho ou mesmo para a apresentação da notícia.

Ainda assim a resistência foi tentada. A revista *Veja* iria se caracterizar como pólo de resistência nesses primeiros anos de endurecimento do regime. Com Raimundo Pereira na redação, o estilo neutralista e “frio” da revista seria excepcionalmente utilizado nesse sentido. Na edição de número 66, aproveitando uma frase proferida pelo presidente Médici, a tortura seria a matéria de capa: “O Presidente Não Admite Torturas”, sendo que, na edição seguinte, apareceria uma matéria apresentando o histórico da tortura.¹²³ Era uma das primeiras manifestações de oposição da imprensa à nova fase da ditadura militar, com uma utilização perfeita de técnica e conteúdo: não há referências diretas ao que acontecia no momento, apenas referências indiretas, parecendo muito mais uma frase de efeito dita pelo presidente e uma reportagem histórica qualquer, como muitas feitas pela revista normalmente.

¹²¹- Knightley Phillip. Idem, *ibidem*;

¹²²- os órgãos foram: Serviço Nacional de Informação (SNI); Departamento de Ordem Política e Social (DOPS); dentro de cada exército formou-se o Departamento de Operações e Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI - CODI); coordenação de medidas de segurança entre civis e militares, chamada de Operação Bandeirantes (OBAN); Gorender, Jacob. Combate nas Trevas – a Esquerda Brasileira: das Ilusões Perdidas à Luta Armada. 3ª ed., São Paulo, Ática, 1987;

¹²³- *Veja*. Nº 66, São Paulo, Abril Cultural, 1969, capa; e *Veja*. Nº 67, São Paulo, Abril Cultural, 1969, pp. 12-25;

A revista *Veja* destacou muito a Guerra do Vietnã nesses anos, pois era um dos poucos assuntos com os quais a censura exercia uma pressão menor. Cuba e China eram (praticamente) assuntos proibidos, então não sobravam muitos espaços, e o Vietnã foi uma alternativa. Todos os jornais e revistas, então, aproveitaram esse espaço. Mas foi a imprensa alternativa que mais utilizou este recurso - ou em termos concretos, *O Pasquim*, pois nesse momento era o único jornal alternativo relevante.

Embora Paulo Francis tenha se destacado na cobertura da guerra no jornal, ele não foi o único a escrever sobre o tema - até mesmo Jô Soares arriscou um artigo sobre a volta do Capitão América, símbolo da liberdade e da violência maniqueísta do bem contra o mal, utilizado pelos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, dentro da realidade nada maniqueísta da Guerra do Vietnã.¹²⁴ Mas foi Paulo Francis quem dedicou os maiores espaços para o tema.

A política de Nixon não dava resultados e recebia críticas de Paulo Francis. Analisando como a Nova Esquerda estava enfrentando o governo Nixon, Paulo Francis não pode deixar de fazer um comentário ácido ao presidente norte-americano e ao liberalismo:

*“Em suma, (Nixon) pretende continuar a guerra, manter o governo absurdo de Saigon, mas, ao mesmo tempo, precisa apaziguar a opinião anti-guerra nos EUA, que corrói a sociedade americana. Logo, diz uma coisa e faz outra. Nixon revelou-se um liberal.”*¹²⁵

Um dos seus mais importantes artigos foi sobre o massacre de My Lai. O artigo, simplesmente com o título de “My Lai”,¹²⁶ mostrou que, apesar desse genocídio específico ter sido colocado como um fato isolado e excepcional, os massacres na região eram rotineiros. A presença norte-americana no Vietnã era, por si só, um massacre, argumentou Paulo Francis: várias regiões do Vietnã do Sul não poderiam ser cultivadas nos próximos 50 anos (pela quantidade de herbicidas despejada); Saigon não passava de um bordel; 30% das forças norte-americanas funcionavam sob efeito de maconha. O autor completa que o “genocídio é indiscutível”, e que My Lai é o “dia a dia” no Vietnã. Não que os comunistas fossem menos violentos, mas lutavam pela liberdade de seu país. Paulo Francis não se posicionou como pacifista, mas reconheceu que Hanói e o Vietnã do Norte têm popularidade, e que só com o apoio da população, principalmente da população camponesa, foi que a guerrilha poderia ter chegado aonde chegou.

A liberdade nos Estados Unidos foi valorizada pelo articulista, pois os grupos pacifistas podiam exercer pressão para as investigações sobre o massacre. Naturalmente o

¹²⁴ - *O Pasquim*. Nº 23, Rio de Janeiro, 1969, p. 16;

¹²⁵ - *O Pasquim*. Nº 22, Rio de Janeiro, 1969, p. 22;

¹²⁶ - *O Pasquim*. Nº 24, Rio de Janeiro, 1969, p. 3; também são deste artigo as próximas referências;

Pentágono ou a Casa Branca não aceitavam tal liberdade tranqüilamente - o primeiro omitiu até quando pode o massacre, e o segundo agiu sob pressões para que não ocorressem modificações nas perspectivas oficiais. Outro fator considerado por Paulo Francis para a existência do massacre foi a própria tática de guerra aplicada pelos Estados Unidos, ou seja, a tática de “*search and destroy*”, busca e destruição, que consistia em atirar em qualquer um em área suspeita de presença do Vietcong - e My Lai foi uma das vítimas inocentes desta tática.

Enfim, o massacre de My Lai pode não ter tido uma grande repercussão nos resultados da guerra, pois a “maioria silenciosa” (os “débeis de que Nixon fala”) ignorou tais fatos e a minoria que contestava a guerra era detestada por essa maioria. Os “*mass media*” (grandes veículos de comunicação) não entravam no assunto da guerra baseados em especialistas, mas em jornalistas engajados com o executivo, sendo que qualquer coisa antes de My Lai era mostrado como excepcionalidade.

No artigo de Paulo Francis a Guerra do Vietnã quase foi completamente esmiuçada. Os pontos que marcaram a guerra foram discutidos em profundidade, apresentando uma visão difícil de ser exposta em 1969, pois a imprensa já estava sofrendo pressões da censura. Muitas das idéias contidas no artigo de Paulo Francis já estavam sendo discutidas em outros meios e em outros países, não sendo sua temática, portanto, inédita. O artigo atualizou esses debates como nenhum outro meio o fez no Brasil. E o próprio jornal iria denunciar a omissão dos outros meios de comunicação.

O “fantasma” Pedro Ferreti, no meio da edição número 25, também criticou o massacre de My Lai, afirmando que a imprensa norte-americana tratava o caso de forma a colocá-lo como um ponto a favor da democracia dos Estados Unidos. Seus comentários foram além, pois também criticavam o posicionamento da grande imprensa brasileira, que não dava o destaque devido e nem considerava sequer que havia ocorrido um massacre - eis a mais pesada denúncia contra a grande imprensa brasileira em relação à guerra.¹²⁷

Até que ponto essa denúncia estava certa? O massacre de My Lai recebeu cobertura da grande imprensa, mas essa foi pequena, principalmente se comparada à de outros países. A *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* colocaram apenas algumas colunas, sem maior expressão, citando-o muito pouco nas edições seguintes. As revistas também noticiaram o massacre, mas foi a *Veja* quem mais se estendeu no assunto em algumas poucas edições.¹²⁸

O que teria determinado um tão pequeno destaque? Não conseguimos uma resposta conclusiva nas pesquisas, mas alguns indícios. O primeiro foi o possível posicionamento dos

¹²⁷ - *O Pasquim*. Nº 25, Rio de Janeiro, 1969, pôster central;

¹²⁸ - *Veja*. Nº 65, São Paulo, Abril Cultural, 1969, pp. 46-47;

próprios meios de comunicação. Esta hipótese mostra que o assunto não interessou à grande imprensa depois de praticamente um ano de incessantes notícias sobre a guerra, pois acreditava-se que ela não mais chamava a atenção do público, ou que ele estivesse saturado de notícias sobre a Guerra do Vietnã. Outra hipótese foi que a guerrilha no Brasil estava acontecendo, e que um enfoque mais detalhado ou apaixonado sobre o massacre (o que estava ocorrendo no resto do mundo) poderia estimular ainda mais a guerrilha, ou seja, a grande imprensa não deu destaque ao assunto por causa do seu posicionamento político mais conservador - ou mesmo contrário às guerrilhas. Uma última hipótese foi a presença da censura. A censura brasileira no período não tinha uma linha fixa de atuação, sendo inclusive desigual de meio para meio. Ela podia proibir todo e qualquer assunto, parte dele ou, o que aconteceu inúmeras vezes, permitindo que o assunto fosse noticiado, mas sem qualquer destaque. Mesmo Cuba e China, assuntos quase que totalmente proibidos, apareciam nos noticiários, mas invariavelmente sem destaque, ou com destaque negativo. O mesmo pode ter acontecido com o massacre de My Lai, pelo menos na grande imprensa, pois, como já vimos anteriormente, *O Pasquim* apresentou uma matéria mais consistente sobre o assunto.

Outra denúncia importante de Pedro Ferreti foi quanto à chacina cometida por Charles Manson e sua “família” (uma comunidade no estilo *hippie*, liderados por Manson) contra o casal La Bianca e da atriz Sharon Tate, esposa do diretor de cinema polonês Roman Polanski.¹²⁹ A imprensa norte-americana aproveitou-se desse crime, denunciando as práticas de grupos de jovens, que tanto criticavam a sociedade norte-americana. Charles Manson e seus asseclas cometeram tal chacina baseando-se nas leituras de Manson da Bíblia com a música do “álbum branco” dos Beatles, um dos ícones da juventude naquele momento, o que demonstrava o perigo das contestações comandadas por jovens, de acordo com a grande imprensa norte-americana.

Pedro Ferreti não enxergava as coisas neste sentido, denunciando que a chacina feita pela comunidade de Manson estava sendo usada para que a sociedade norte-americana esquecesse o massacre de My Lai, que, de uma maneira ou de outra, foi feito pelo “sistema”. Charles Manson, ou a cultura “anti-sistema” que o produziu, estaria sendo valorizado demais, não pelo que fez (um crime, indiferentemente ao que se possa dizer), mas para culpar a rebeldia da juventude.¹³⁰

O massacre cometido pela “família” Manson, assim como o trágico Festival de Altamont,¹³¹ foram golpes consideráveis para quem confiava na juventude norte-americana e no

¹²⁹ - *O Pasquim*. Nº 26, Rio de Janeiro, 1969, pôster central;

¹³⁰ - para maiores informações sobre os massacres cometidos pela “família” de Charles Manson ver: Miles, Barry. *Paul McCartney - Many Years From Now*. São Paulo, DBA, 2000;

¹³¹ - além dos massacres realizados pela “família” Manson, outro acontecimento foi muito explorado pela imprensa norte-americana para mostrar os “perigos” da juventude e do Rock’n’Roll: o Festival de Altamont, promovido pelos Rolling Stones, que teve 4 mortes, sendo que uma delas foi um assassinato realizado pelos

Rock'N'Roll como elementos de mudança social, pois tanto Manson como Altamont atingiram os dois maiores nomes do Rock da época, os Beatles e os Rolling Stones, respectivamente. A grande imprensa norte-americana utilizou-se muito bem dos fatos: a opinião pública norte-americana condenaria o comportamento de Manson e os incidentes de Altamont (e, conseqüentemente, da juventude rebelde), enquanto transformaria o tenente Calley em herói, assunto que o próprio *O Pasquim* iria tratar muitas vezes.

A imprensa alternativa procuraria ganhar o simbólico da sociedade brasileira, tentando passar idéias de resistência e, até mesmo, de revolução. O sonho da revolução continuava, mas os caminhos estavam fechados. A repressão procuraria dominar o simbólico, para evitar a ascensão dos guerrilheiros, querendo evitar o que acontecia no Vietnã, onde o Vietcong dominava o simbólico de sua sociedade. Mesmo a morte de Ho Chi Minh não alteraria esse quadro.

A Morte de Ho Chi Minh

O *Jornal do Brasil* foi um dos primeiros jornais brasileiros a mencionar o líder vietnamita, ainda na época da saída francesa da Indochina, em 1954:

*“Ho Chi-Minh, revolucionário profissional treinado em Moscou, erudito, leitor de Shakespeare e adepto de Confúcio teve, durante toda sua vida, um anseio - a independência da sua pátria, o Vietnam. Perseguido pelos franceses, preso pelos ingleses e chineses, condenado à morte, retornou ao Vietnam para comandar mais de 300.000 rebeldes numa guerra de sete anos contra os franceses.”*¹³²

Em 1969, o recém lançado *Jornal Nacional*, no dia 9 de setembro, anunciava que a Junta Militar que tinha substituído o enfermo presidente Costa e Silva endureceria ainda mais o regime.¹³³ Enquanto que os militares proclamavam as possibilidades da morte pela revolução, curiosamente, outra manchete do mesmo dia, destacaria a vida de um revolucionário. Aliás, a morte de um revolucionário: *“Morre o Presidente do Vietnã do Norte, Ho Chi Minh.”*¹³⁴

seguranças do festival (o grupo de motoqueiros denominado Hell's Angels) na frente do palco (e que acabaria sendo filmada e aparecendo, posteriormente, no documentário *Gimme Shelter* sobre a excursão dos Rolling Stones de 1969). O Festival de Altamont e sua violência transformou-se no contraponto do pacífico Festival de Woodstock. Para maiores informações sobre o Festival de Altamont, ver: *Gimmie Shelter*. Documentário, Inglaterra, dirigido por David Mayles, Albert Mayles e Charlotte Zwerin, 1971;

¹³² - *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21/08/54, p. 7;

¹³³ - a manchete foi: “Junta Militar decreta o Ato 14, que prevê a pena de morte e a prisão perpétua em casos de ‘guerra revolucionária e subversiva’.” Extraído de: s/A. *15 Anos de História*. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1984, p. 317;

¹³⁴ - *15 Anos de História*. op. cit., p. 317;

A morte do Ho Chi Minh afetou a imprensa brasileira como um todo, e sobre ele foi publicada uma série de reportagens, quase todas com forte caráter emocional. A matéria da correspondente italiana Oriana Fallaci, publicada na revista *Realidade*, louvou o líder vietnamita morto, fazendo um balanço de sua vida e de sua obra política, lamentando por ele não ter vivido o suficiente para ver o seu país ganhar a guerra e ter a paz.¹³⁵

A sucessão vietnamita seria assunto da revista *Veja*,¹³⁶ mas poucos acreditavam que as diretrizes da guerra mudariam com a morte de Ho, até pelo contrário: sua liderança era incontestável e sua morte deveria estimular ainda mais a causa de reunificação do país. Cao Ky, vice-presidente do Vietnã do Sul, declarou que “*Sem Ho Chi Minh, o comunismo é uma serpente que perdeu a cabeça. Mas que continua venenosa.*”¹³⁷ Foi uma observação bastante pertinente e que retratou a realidade que se seguiria nos anos seguintes pois mesmo sem a “cabeça”, a “serpente do comunismo” ainda tinha muito “veneno”.

Batalhas, grandes líderes, massacres... nada faltou às duas guerras. E a imprensa retratou todos esses acontecimentos, dando sua visão do mundo através deles.

Inchon e Ia Drang foram batalhas decisivas e utilizadas de acordo com os objetivos dos militares ocidentais, ou seja, foram “vitórias” militares (mais Inchon do que Ia Drang) que seriam utilizadas para estimular ainda mais o ânimo de guerra de suas forças, sendo que a imprensa as transformou em momentos gloriosos na luta contra os comunistas.

Mas tanto uma batalha quanto a outra escondiam o outro lado da guerra, ou seja, a determinação dos adversários e suas leituras dos resultados das mesmas: os norte-coreanos recuavam até a China, preparando-se para uma contra-ofensiva futura; os norte-vietnamitas e Vietcogs perceberam que poderiam ganhar a guerra apesar das circunstâncias desfavoráveis. Logo, a China entraria na Guerra da Coreia, “reforçando” os contingentes norte-coreanos; e a Ofensiva do Tet destruiria as chances de vitória dos Estados Unidos.

Não que tais iniciativas impedissem os massacres – e massacres são comuns em qualquer guerra. Quantos “My Lai” existiram nas duas guerras? Bem mais do que foi noticiado, provavelmente. E podemos perceber o “uso” do massacre de My Lai feito pela imprensa alternativa

¹³⁵ - *Realidade*. Nº 44, São Paulo, Abril Cultural, Novembro/69, pp. 148-162; a reportagem de Oriana Fallaci seria publicada na revista: *Veja*. Nº 62, São Paulo, Abril Cultural, 1969, p. 16;

¹³⁶ - *Veja*. Nº 54, São Paulo, Abril Cultural, 1969, pp. 48-49.

¹³⁷ - *Veja*. Nº 62, op. cit., p. 16.

brasileira, ou seja, a denúncia contra os Estados Unidos, contra a ditadura militar brasileira e contra a grande imprensa, tanto a brasileira quanto a norte-americana.

A imagem dos generais, dos líderes militares das guerras, foram devidamente construídas no decorrer das mesmas, pois tanto MacArthur quanto Westmoreland apresentaram imagens poderosas na mídia: eles eram imbatíveis, determinados, “de ferro”, etc. Seus erros, fraquezas e limites apareceriam e ambos seriam destituídos, assim como seriam destruídas as carreiras políticas de Harry Truman e Lyndon Johnson pelos impasses nas guerras. Mas a grande imagem de “força” seria legada para o presidente do Vietnã do Norte, Ho Chi Minh, embora fosse uma imagem igualmente construída pela imprensa “de esquerda”. As guerras vivem, essencialmente, de imagens, como podemos perceber.

E o impacto visual da Guerra do Vietnã superava, em muito, o da Guerra da Coréia. A Ofensiva do Tet foi quase que um “espetáculo” para a televisão, provocando reações mundiais, principalmente de protesto contra a presença norte-americana no Vietnã. E o Massacre de My Lai já estava desaparecendo do cenário político, quando as fotografias o colocaram outra vez.

A Guerra da Coréia, com algumas exceções, não tinha conseguido muitos impactos através do visual, característica que “sobrou” na Guerra do Vietnã.